

**ANA RITA BRITO DA PALMA**

**Estudo Retrospectivo sobre a Relação da Assertividade Sexual e a  
Coerção Sexual em Homens e Mulheres Heterossexuais e  
Homossexuais**



**Universidade do Algarve**

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2022

**ANA RITA BRITO DA PALMA**

**Estudo Retrospectivo sobre a Relação da Assertividade Sexual e a  
Coerção Sexual em Homens e Mulheres Heterossexuais e  
Homossexuais**

**Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde**

**Trabalho efetuado sob a orientação de:**

**Professora Doutora Alexandra Isabel Cabral da Silva Gomes**



**Universidade do Algarve**

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2022

# **Estudo Retrospectivo sobre a Relação da Assertividade Sexual e a Coerção Sexual em Homens e Mulheres Heterossexuais e Homossexuais**

## **Declaração de Autoria Do Trabalho**

Declaro ser o(a) autor(a) deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Assinatura

---

(Ana Rita Brito da Palma)

**Copyright © 2022, em nome de Ana Rita Brito da Palma**

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

## **Agradecimentos**

Com a finalização desta etapa acadêmica, não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que contribuíram para esta fase tão importante para a minha vida profissional e pessoal.

O maior agradecimento vai para os meus pais e para a minha família, por terem sempre acreditado nas minhas capacidades, pelo apoio e por estarem sempre presentes em todas as conquistas da minha vida.

Agradeço também de forma muito especial às minhas irmãs, à Marina e à Carolina, por todas as palavras e gestos, que muitas vezes sem sequer saberem, dão-me a força necessária para continuar.

Ao João, por me apoiar incondicionalmente no meu percurso académico, mesmo nos dias menos bons, por me fazer lembrar todos os dias que sou capaz e por nunca me deixar desistir.

Agradeço também ao Pedro, por toda a boa energia, por me colocar sempre um sorriso e por estar sempre disponível para me ouvir.

Devo um sincero e especial agradecimento à minha orientadora, à Professora Doutora Alexandra Gomes, por ter aceite o convite para realizar este projeto comigo, e por toda a dedicação, motivação, preocupação e disponibilidade durante a redação da minha dissertação.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos aqueles que me acompanharam nestes últimos cinco anos, amigos, colegas e professores, por toda a força, apoio e motivação.

Um grande obrigada a todos!

## **Resumo**

A coerção sexual insere-se no domínio da violência sexual e denomina-se por qualquer tática ou estratégia com a intenção de envolver outra pessoa em comportamentos sexuais de risco. Sabe-se que a assertividade sexual poderá proteger os indivíduos deste tipo de comportamentos, contudo a relação entre estas duas variáveis carece de estudos na população homossexual.

A presente investigação tem como principal objetivo verificar a associação entre a coerção sexual e a assertividade sexual em homossexuais e heterossexuais. Procurou-se ainda perceber se estas variáveis, de forma isolada, sofrem diferenças entre géneros e orientações sexuais.

A amostra foi composta por 154 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 66 anos, dos quais 74 identificaram-se como heterossexuais e 80 como homossexuais. Foi realizado um questionário em modalidade online composto por várias escalas destinadas a avaliar as variáveis a serem estudadas, em conjunto com um questionário sociodemográfico e um questionário da história sexual. Para a sua análise foi utilizado o *software IBM SPSS Statistics*.

Os resultados indicam uma associação negativa entre a assertividade sexual e a coerção sexual ligeira. Na coerção sexual, verificou-se que as formas mais ligeiras prevalecem sobre as severas, observámos ainda na vitimização, num indicador mais generalizado, que as mulheres e os homossexuais são mais suscetíveis a este tipo de comportamentos, porém esta diferença entre géneros e entre orientações sexuais não foi confirmada na perpetração de comportamentos coercivos. Relativamente à assertividade sexual, não foram encontradas diferenças entre géneros e entre orientações sexuais em nenhum dos indicadores utilizados.

**Palavras-chave:** Coerção Sexual; Assertividade Sexual; Homossexualidade; Violência Sexual

## **Abstract**

Sexual coercion is part of the domain of sexual violence and is called any tactic or strategy intended to involve another person in risky sexual behavior. It is known that sexual assertiveness can protect individuals from this type of behavior, however the relationship between these two variables needs to be studied in the homosexual population.

The main objective of this investigation is to verify the association between sexual coercion and sexual assertiveness in homosexuals and heterosexuals. It was also sought to understand whether these variables, in isolation, suffer differences between genders and sexual orientations.

The sample consisted of 154 participants, aged between 18 and 66 years, of which 74 identified themselves as heterosexual and 80 as homosexual. An online questionnaire was carried out, consisting of several scales designed to assess the variables to be studied, together with a sociodemographic questionnaire and a sexual history questionnaire. For its analysis, the IBM SPSS Statistics software was used.

The results indicate a negative association between sexual assertiveness and mild sexual coercion. In sexual coercion, it was found that the milder forms prevail over the severe ones, we also observed in victimization, in a more generalized indicator, that women and homosexuals are more susceptible to this type of behavior, however this difference between genders and between orientations was not confirmed in the perpetration of coercive behavior. Regarding sexual assertiveness, no differences were found between genders and between sexual orientations in any of the indicators used.

**Keywords:** Sexual Coercion; Sexual Assertiveness; Homosexuality; Sexual Violence

## Índice

1.	Introdução.....	1
2.	Enquadramento Teórico .....	3
2.1	Coerção sexual .....	3
2.2	A orientação sexual e a coerção sexual .....	6
2.3	Assertividade sexual.....	8
2.4	Assertividade, coerção e orientação sexual .....	10
3.	Objetivos .....	12
4.	Metodologia .....	13
4.1	População e amostra.....	13
4.2	Instrumentos .....	14
	Questionário Sociodemográfico .....	14
	Questionário da História Sexual.....	15
	Grelha de Orientação Sexual de Klein .....	15
	Escala de Táticas de Conflito Revisadas .....	15
	Escala de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima.....	17
	Índice Hurlbert de Assertividade Sexual.....	17
4.3	Procedimento de recolha e tratamento de dados .....	18
5.	Resultados .....	20
5.1	Análise descritiva univariada .....	20
5.2	Análise de correlações.....	22
5.3	Análise de variância .....	23
6.	Discussão.....	28
7.	Considerações Finais.....	33
8.	Referências Bibliográficas .....	35
9.	Anexos.....	44

## Índice de Tabelas

Tabela 4.1- Distribuição por Categorias da Orientação Sexual .....	13
Tabela 4.2- Distribuição dos Indivíduos por Género e Orientação Sexual .....	14
Tabela 5.1- Análise descritiva da Assertividade e indicadores de Coerção Sexual .....	20
Tabela 5.2- Correlações entre as escalas e entre as dimensões da CTS-2.....	22
Tabela 5.3- ANOVA entre a Coerção Sexual Ligeira- Vítima e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género .....	23
Tabela 5.4- ANOVA entre a Coerção Sexual Severa- Vítima e os dois fatores independente: Orientação Sexual e Género .....	24
Tabela 5.5- ANOVA entre a Coerção Sexual Ligeira- Perpetrador e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género .....	24
Tabela 5.6- ANOVA entre a Coerção Sexual Severa- Perpetrador e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género .....	25
Tabela 5.7- ANOVA entre a ECSV e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género .....	25
Tabela 5.8- Teste de comparação de médias <i>post-hoc</i> .....	26
Tabela 5.9- ANOVA entre a ECSP e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género .....	27
Tabela 5.10- ANOVA entre a Assertividade Sexual e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género .....	27

## **Índice de Anexos**

**Anexo A-** Dados Sociodemográficos: situação profissional, habilitações literárias e estado civil

**Anexo B-** Consentimento Informado

**Anexo C-** Questionário Sociodemográfico

**Anexo D-** Questionário da História Sexual

**Anexo E-** Grelha de Orientação Sexual de Klein

**Anexo F-** Escalas de Táticas de Conflito Revisadas

**Anexo G-** Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima

**Anexo H-** Índice Hurlbert de Assertividade Sexual

## Glossário de Siglas e Abreviaturas

<b>APAV</b>	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
<b>CTS-2</b>	Escalas de Táticas de Conflito Revisadas
<b>DTS'S</b>	Doenças Sexualmente Transmissíveis
<b>ECSP</b>	Escala de Coerção Sexual do Perpetrador
<b>ECSPV</b>	Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima
<b>ECSV</b>	Escala de Coerção Sexual da Vítima
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>GOS</b>	Grelha de Orientação Sexual de Klein
<b>HIV</b>	Vírus da Imunodeficiência Humana
<b>IHAS</b>	Índice Hurlbert de Assertividade Sexual
<b>LGBQ</b>	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Queer
<b>LGBTQ</b>	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgéneros e Queer
<b>LGBTQIA+</b>	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgéneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e outras orientações sexuais/ identidades de género
<b>OMS</b>	Organização Mundial de Saúde
<b>SPSS</b>	Programa Estatístico – <i>Statistical Package for the Social Sciences</i> , versão 24.0
<b>VPI</b>	Violência praticada pelo Parceiro Íntimo

## 1. Introdução

Nos seres humanos os relacionamentos são importantes durante as suas vidas (Smeha & Oliveira, 2013). A intimidade é uma necessidade humana essencial que pode ser mais bem satisfeita no contexto de um relacionamento romântico saudável (VanderLaan & Vasey, 2008). No entanto, em muitos casais os momentos de violência surgem na tentativa de corrigir os desequilíbrios da relação causados pelo sofrimento e/ou pela insatisfação (Gelles, 1999; McKenry et al., 2006).

A violência praticada pelo parceiro íntimo (VPI) consiste em qualquer comportamento do parceiro ou ex-parceiro que cause danos ao companheiro relacional e abrange diversos tipos de violência: física, psicológica e sexual, incluindo agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamento controlador. Ocorre em casais heterossexuais e homossexuais e não implica necessariamente intimidade sexual (Edwards et al., 2015; Organização Mundial de Saúde [OMS], 2005). De acordo com dados da OMS (2014), sobre a violência praticada por homens contra mulheres, indicam que 30% das mulheres que tiveram um parceiro íntimo já sofreram violência física ou sexual em algum momento da sua vida.

Dos vários tipos de violência, a sexual realizada pelo parceiro íntimo é um problema social significativo, com implicações complexas para ambos os indivíduos (Archer, 2002; Smith et al., 2017). A violência sexual pode conduzir a graves problemas de saúde, tanto físicos quanto psicológicos (Smith et al., 2017).

Uma das manifestações mais subtis da violência sexual é a coerção sexual (Smith et al., 2017), sendo a assertividade sexual um elemento fundamental no funcionamento e resposta sexual, e relevante como fator de proteção contra comportamentos sexuais de risco e experiências de vitimização (Santos-Iglesias & Sierra, 2010a). No entanto, os estudos têm sido desenvolvidos na sua maioria com populações heterossexuais (VanderLaan & Vasey, 2008).

Ainda existem algumas lacunas em estudos relacionados com a violência sexual entre parceiros íntimos, principalmente em relacionamentos com indivíduos do mesmo gênero. Para verificar a existência de uma relação entre a assertividade sexual e a coerção sexual e se existem diferenças entre relacionamentos com diferentes orientações sexuais, nesta relação entre conceitos, realizou-se um estudo descritivo-correlacional, do tipo transversal.

Deste modo, será possível entender e contextualizar a problemática em Portugal e compreender como a assertividade sexual funciona como fator protetor em experiências de coerção sexual em casais homossexuais, bem como garantir o apoio necessário a todos os indivíduos vítimas deste fenómeno, independentemente da orientação sexual.

O presente estudo está dividido em duas partes. Numa primeira parte, estará o enquadramento teórico onde serão apresentadas descrições e revisões da literatura sobre as variáveis em estudo, a coerção sexual e a assertividade sexual. De seguida, são expostas perspectivas teóricas e estudos pertinentes e atuais publicados que sustentam a relação entre a problemática e o fator protetor, em diferentes orientações sexuais.

A segunda parte diz respeito ao estudo empírico, com recurso à participação de adultos maiores de 18 anos, que se identificam como homossexuais ou heterossexuais. Primeiramente, será apresentada a metodologia, com a caracterização da amostra, a descrição dos instrumentos utilizados e a explicação dos procedimentos de recolha e tratamento dos dados. De seguida, serão apresentados os resultados obtidos. Por fim, é discutido as principais conclusões e resultados adquiridos, à luz da literatura consultada, com a enumeração das principais limitações do nosso estudo, e algumas sugestões de estudos futuros.

## **2. Enquadramento Teórico**

### **2.1 Coerção sexual**

Entende-se por coerção sexual um conjunto de comportamentos, cuja intenção é compelir o companheiro a envolver-se em uma atividade sexual indesejada, como sexo vaginal, oral ou anal (Straus et al., 1996), apesar da sua ausência de consentimento livre e esclarecido ou da expressão clara de uma recusa (Abbey et al., 2014; Farris et al., 2008). A possibilidade de coerção sexual surge quando há uma discrepância no desejo da interação sexual entre os parceiros (O’Sullivan, 2005). Pode variar entre toques, carícias, beijos a uma relação sexual. Ocorre tanto em relacionamentos estabelecidos, como também fora desse contexto (Goetz & Shackelford, 2004).

O Centro de Controlo e Prevenção de Doenças concluiu acerca da violência sexual nos EUA, que 13.2% das mulheres sofreram coerção sexual não física em algum momento da sua vida e, em 74.7% dos casos, o perpetrador era o seu parceiro íntimo atual ou anterior (Smith et al., 2017). Uma prevalência muito semelhante de 13.3%, foi encontrada em dez países europeus (Krahé et al., 2015). Em Espanha, as taxas de prevalência de vitimização por coerção sexual variaram entre 15.7% e 19.1% (Krahé et al., 2015; Santos-Iglesias & Sierra, 2012).

Uma investigação realizada em Portugal, a 318 estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 19 e os 39 anos, registou que um quarto da amostra (25.6%) é vítima deste tipo de abuso e um número também elevado, embora menor (2.9%) assume a posição de perpetrador. As vítimas são mais alvo de coerção sexual ligeira do que severa (Paiva & Figueiredo, 2004).

A prevalência de perpetração masculina de coerção sexual é alta em amostras universitárias, variando de 10 a 29%, embora as taxas de perpetração ao longo da vida possam ser ainda maiores em amostras da população em geral (24-64%) (Abbey & McAuslan, 2004; Hines & Saudino, 2003; White & Smith, 2004). A maioria das agressões sexuais ocorre na idade adulta jovem (Abbey et al., 2006; Senn et al., 2000).

Os homens são mais propensos do que as mulheres a perpetrar atos sexualmente coercivos (Struckman-Johnson et al., 2003). Um estudo de Vanderlaan e Vasey (2009) concluiu que os homens em relação às mulheres, tinham maior propensão para coerção sexual física e não física. No entanto, é cada vez mais reconhecido que esta experiência não se limita apenas às mulheres (Hines et al., 2007).

As mudanças culturais levaram ao reconhecimento de que os homens também podem ser vítimas nos seus relacionamentos íntimos (Hines et al., 2007). Numa investigação realizada por Russell e Oswald (2001) com uma amostra de 285 mulheres, 18% foram classificadas como sexualmente coercivas. Noutro estudo de Struckman-Johnson et al. (2003), com uma amostra de 656 estudantes universitários, 275 homens e 381 mulheres, observou-se uma percentagem substancial de homens que foram submetidos a um comportamento sexual persistente por parte de perpetradores femininos, utilizando táticas como beijos e toques (22.6%), remover as próprias roupas (17.6%) ou remover as roupas da vítima (15.6%).

Num estudo realizado por O'Sullivan et al. (1998), verificou-se que 24% dos homens e 42% das mulheres relataram ter sido pressionados ou forçados a ter contato sexual num contexto de namoro heterossexual no ano anterior. Avaliar a coerção sexual no contexto de namoro é importante, visto que existe entre os dois membros do casal um interesse mútuo, conduzindo a momentos carinhosos com mais frequência. Neste sentido, espera-se que neste tipo de relacionamentos, a coerção sexual seja alcançada por meio de manipulações mais subtis, em vez de ameaças explícitas ou o uso de força física (Buss, 2004; Goetz & Shackelford, 2004).

As táticas de coerção sexual mais e menos experimentadas, independentemente do género são técnicas de excitação sexual, como beijos e toques persistentes; manipulação emocional; mentiras e pressão verbal, como discussões contínuas, e as menos utilizadas são aquelas que envolvem a força física e dano. Mais mulheres do que homens parecem ser submetidos a táticas que envolvem a força física (Lottes & Weinberg, 1996; Waldner-Haugrud & Magruder, 1995). Numa investigação, bem mais de um terço dos participantes relataram ter sido explorados sexualmente durante a intoxicação (Struckman-Johnson et al., 2003).

As táticas sexualmente coercivas parecem diferir entre homens e mulheres. Os homens enquanto perpetradores utilizam com mais frequência táticas sedutoras e manipulativas, coerção verbal, ameaça ou uso da força física e aproveitamento da mudança do estado de consciência, devido a álcool e/ou drogas (Koss et al., 1987; Muñoz et al., 2011). Nas mulheres as táticas mais frequentes são: cortejar, tocar, elogiar, remover as roupas, tentar excitar o parceiro e aproveitar-se da mudança do estado de consciência (Anderson & Aymami, 1993; O'Sullivan & Byers, 1992). No entanto, os homens e as mulheres mostram comportamentos semelhantes ao tentar convencer um parceiro à realização da atividade sexual, após ter sido recusado (Schatzel-Murphy et al., 2009; Struckman-Johnson et al., 2003).

Um estudo realizado a 422 estudantes acerca do comportamento sexual indesejado, em contexto de namoro, concluiu que as mulheres foram mais submetidas a toques persistentes, mentiras e sujeição, enquanto os homens relataram ter sido mais sujeitos a táticas de chantagem

e uso de arma (Waldner-Haugrud & Magruder, 1995). Noutro estudo, Ogletree (1993) verificou que 42% das mulheres foram vítimas de coerção sexual no namoro e, dessas mulheres, 70% tiveram relações sexuais indesejadas devido a “argumentos” e “pressão” dos namorados.

Identificar e compreender as consequências da coerção sexual é essencial para a prevenção do problema (Livingston & Vanzile-tamsen, 2007). As vítimas de coerção sexual praticadas pelo parceiro íntimo têm consequências negativas a curto e longo prazo nas suas vidas (Sáez et al., 2019), que causa um impacto psicológico, físico, relacional, social e cultural extremo (O’Sullivan, 2005; Petretic-Jackson & Tobin, 1996; Wiehe & Richards, 1995), associados a níveis mais altos de isolamento social, ansiedade social e depressão entre as vítimas (Zweig et al., 1997).

Pode afetar profundamente a sua sexualidade, modificando os seus comportamentos sexuais, conduzindo a respostas incorretas a futuros encontros sexuais, como reagir negativamente a relacionamentos sexuais saudáveis ou normalizar futuras experiências de coerção sexual (Muzzey, 2017), entre as múltiplas consequências que podem ter na saúde e funcionamento físico e mental das vítimas (Brown et al. 2009), uma das mais relevantes está associado a um risco aumentado de revitimização (Hines, 2007).

Nas mulheres a coerção sexual, tem sido associada a uma variedade de consequências físicas e psicológicas. Essas consequências negativas incluem perturbação do *stress* pós-traumático, depressão, perturbações relacionadas com substâncias (Golding, 1999), infeções sexualmente transmissíveis, baixa autoestima sexual, aumento da depressão sexual, autopercepção sexual negativa e emoções negativas (Garrido-Macías et al., 2017; Goetz & Shackelford, 2004; Offman & Matheson, 2004; Zweig et al., 1999).

Numa amostra de 193 universitárias, onde as participantes encontravam-se num relacionamento de namoro sexual, mostrou que as mulheres que sofreram experiências de coerção sexual por parte dos seus parceiros, relataram menor satisfação sexual e menor desejo sexual, do que mulheres que não foram vítimas de coerção sexual (Katz, 2008).

Os homens vítimas de coerção sexual, também experimentam consequências adversas psicológicas, sexuais, interpessoais e físicas (Peterson et al., 2011). Um estudo realizado por Randle e Graham (2011), demonstra que a violência sexual praticada pelo parceiro no sexo masculino permite, igualmente, consequências como perturbação do *stress* pós-traumático, depressão e ideação suicida.

A coerção sexual pode ser vista como um tipo de comportamento de risco, que trará consequências negativas também para o perpetrador (Gabbay & Lafontaine, 2017). Stappenbeck e Fromme (2010) sugeriram que os perpetradores de agressão sexual correm o

risco de consequências emocionais e sociais negativas, como raiva e mágoa por parte das vítimas e danos à sua reputação, que pode ser especialmente ameaçador para as perpetradoras do sexo feminino, pois as suas ações desafiam os comportamentos sexuais tradicionais (Peterson et al., 2010; Stermac et al., 2018).

## **2.2 A orientação sexual e a coerção sexual**

Nos últimos anos, programas de apoio e defensores da comunidade LGBTQIA+ aumentaram a conscientização acerca da violência sexual praticada pelo parceiro íntimo, entre indivíduos do mesmo gênero (Buzawa et al., 2017; Renzetti, 1996). Estudos com a população homossexual representam avanços fundamentais e são importantes para a exploração e compreensão da violência sexual (Burke & Follingstad, 1999; Gerstenberger et al., 2019; McKenry et al., 2006). Um estudo realizado por Waldner-Haugrud e Gratch (1997), com uma amostra não aleatória, de 162 gays e 111 lésbicas, mostrou que experiências de coerção sexual não ocorrem apenas em casais heterossexuais, os resultados revelaram que 52% da amostra relatou ter experimentado pelo menos um incidente sexualmente coercivo.

Ao reconhecer a presença da violência nas relações com indivíduos do mesmo gênero, é incerto que se trate de um fenômeno semelhante ou um fenômeno exclusivo nas relações homossexuais (Burke & Follingstad, 1999). Comparar o comportamento sexualmente coercivo de homens e mulheres heterossexuais e não heterossexuais tem o potencial de ajudar a resolver a violência sexual, diminuindo o conjunto de explicações para as origens de tais diferenças (Bailey et al., 1994; VanderLaan & Vasey, 2008). É importante salientar que a violência praticada pelo parceiro íntimo em casais homossexuais segue, igualmente, uma motivação, um padrão, uma frequência, uma severidade e um impacto como nos casais heterossexuais (Costa et al., 2011).

As comparações da população heterossexual e a população LGBTQIA+ sugerem taxas semelhantes ou mais altas de agressão e coerção sexual entre minorias sexuais (Duncan, 1990; Stoddard et al., 2009; Waldner-Haugrud, 1999). Kammer-Kerwick et al. (2019) verificaram que estudantes de minorias sexuais apresentam um maior risco de sofrer violência sexual do que estudantes heterossexuais.

Num estudo com 391 alunos LGBQ, num relacionamento com um parceiro do mesmo gênero, verificou-se que 14.1% sofreram violência sexual no seu relacionamento atual (Edwards & Sylaska, 2013). Resultados semelhantes também foram encontrados no estudo realizado por Edwards et al. (2015), com uma amostra de 1069 alunos LGBQ e 4961 heterossexuais, concluindo-se que os alunos LGBQ tinham uma probabilidade

significativamente maior de agressão sexual em relações amorosas, em comparação com alunos heterossexuais.

Coulter et al. (2017) constaram que as mulheres lésbicas tinham um risco ligeiramente maior de sofrer agressão sexual em comparação com as mulheres heterossexuais, bem como Ray et al. (2018) que verificaram que as mulheres homossexuais experimentam taxas mais altas de vitimização sexual forçada em comparação com mulheres e homens heterossexuais.

No entanto, Jones e Raghavan (2012) não encontraram diferenças significativas entre amostras de minorias sexuais e amostras heterossexuais de estudantes universitários em medidas de coerção sexual. Os autores realizaram ainda uma comparação por gênero, onde relataram uma ausência de diferenças entre estudantes LGBTQ e os seus pares heterossexuais do mesmo gênero, em que a coerção sexual entre mulheres heterossexuais não diferiu das taxas das mulheres LGBTQ, num relacionamento com um parceiro do mesmo gênero.

Nas culturas ocidentais, é provável que os indivíduos heterossexuais e não heterossexuais do mesmo gênero tenham passado por uma socialização semelhante (Menezes et al., 2010). Ao comparar os homens e as mulheres heterossexuais e homossexuais parece ser consistente com a noção de que os homens e as mulheres homossexuais foram socializados para adotar comportamentos sexuais masculinos e femininos, respetivamente (VanderLaan, 2007; VanderLaan & Vasey, 2008).

Especificamente, além da orientação sexual, o comportamento dos homens homossexuais parece ser semelhante aos homens heterossexuais, bem como as mulheres homossexuais e heterossexuais, em aspetos relacionados ao sexo com parceiros. Neste sentido, o gênero exerceria uma influência mais forte sobre os comportamentos nos relacionamentos do que a orientação sexual (Byers & Heinlein, 1989; VanderLaan, 2007; VanderLaan & Vasey, 2008, 2009). Num estudo realizado por Ridge e Feeney (1998), os homens atribuíram mais importância do que as mulheres ao prazer sexual, à conquista e ao alívio da tensão sexual como motivos para a realização da atividade sexual, enquanto as mulheres consideravam a proximidade emocional mais importante do que os homens, essas diferenças sexuais apareceram tanto em heterossexuais quanto em homossexuais.

Bailey et al. (1994) concluíram que, em comparação com os homens heterossexuais, os homens homossexuais eram também semelhantes em termos do seu interesse por sexo não comprometido e estímulos sexuais visuais, bem como na importância que colocam no estatuto social de um parceiro e na atratividade física.

Um outro aspeto semelhante entre casais homossexuais e heterossexuais é a influência indireta dos padrões de apego inseguros na violência psicológica, física e nos comportamentos

coercivos entre parceiros íntimos (Kenrick et al., 1995; Sharpsteen & Kirkpatrick, 1997; Silverthorne & Quinsey, 2000; Yarkovsky, 2016). Renzetti (1992) verificou uma ligação entre um estilo de apego inseguro e a violência sexual em relacionamentos românticos homossexuais, coincidindo com os resultados do estudo de Fontanesi et al. (2020) que indicam que os modelos disfuncionais de apego de gays e lésbicas poderão estar relacionados com ações coercivas e abuso emocional psicológico, como acontece com pessoas heterossexuais.

No entanto, em alguns aspetos os indivíduos homossexuais possuem padrões diferentes. Em comparação com homens heterossexuais, os homens homossexuais parecem estar mais preocupados com a hipotética infidelidade emocional do que com a hipotética infidelidade sexual de um parceiro. As lésbicas mostraram maior interesse por estímulos sexuais visuais e uma menor importância no estatuto de um parceiro, em comparação com as mulheres heterossexuais (Bailey et al., 1994).

Uma das diferenças entre heterossexuais e homossexuais prende-se com o senso de comunidade. A comunidade LGBTQIA+ proporciona um sentimento de pertença mais seguro, que pode estar associado a uma menor sensibilidade à rejeição sexual, ou seja, a uma menor ansiedade em ser rejeitado (Lin & Israel, 2012).

A homossexualidade foi vista, durante um longo período de tempo, como um afastamento à norma social, sendo por isso estigmatizada (Almeida et al., 2010). As vítimas deparam-se com adversidades na procura de apoio externo por parte de instituições, serviços sociais e legais, médicos, psicólogos, grupos especializados ou mesmo nas suas famílias (Nunan, 2004). Consequentemente, os resultados das investigações em casais irão garantir o apoio adequado para as mulheres e para os homens vítimas da violência praticada pelo parceiro íntimo, bem como reconhecer a forma mais eficaz para identificar os perpetradores primários em todas as situações de violência sexual, independentemente da orientação sexual (Kenrick et al., 1995; Silverthorne & Quinsey, 2000). Utilizar este método comparativo é especialmente útil para elucidar as capacidades explicativas de interesses, tendências e comportamentos sexuais (Vanderlaan & Vasey, 2009).

### **2.3 Assertividade sexual**

A assertividade sexual é uma habilidade social que envolve a apresentação de comportamentos assertivos em situações sexuais (Painter, 1993). Consiste na capacidade de iniciar a atividade sexual desejada, de comunicar desejos e satisfações sexuais, de desenvolver comportamentos sexuais saudáveis, de discutir a história sexual com o parceiro, de recusar um contato sexual indesejado e de debater o uso de métodos contraceptivos para evitar uma gravidez

indesejada e infeções sexualmente transmissíveis (Morokoff et al., 1997; Quina et al., 2000; Rickert et al., 2002; Santos-Iglesias & Sierra, 2010b; Yamamiya et al., 2006; Yesmont, 1992; Zamboni et al., 2000).

A assertividade é um componente essencial da saúde sexual (Testa & Dermen, 1999) e está associada a resultados positivos na saúde física e mental dos indivíduos (Loshek & Terrell, 2015). Permite que as pessoas tomem decisões sobre a sua própria sexualidade (Gutiérrez-Quintanilla et al., 2008), de modo a envolverem-se em atividades sexuais seguras, agradáveis e informadas, com base numa visão positiva da sexualidade com respeito mútuo, para obter e fornecer satisfação nas relações íntimas (Lottes, 2000).

De acordo com os papéis sexuais tradicionais, os homens e as mulheres diferenciam-se na assertividade sexual. Em geral, parece que os homens pontuam mais alto do que as mulheres na assertividade sexual (Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Pierce & Hurlbert, 1999; Snell et al., 1991). A norma sexual dita que os homens devem iniciar o contato sexual, enquanto as mulheres devem apenas responder às tentativas de iniciar o comportamento sexual (Simon & Gagnon, 2003). O facto dos homens pontuarem mais alto na assertividade, torna-os também mais propensos a expressar o seu interesse sexual e iniciar a atividade sexual (Morokoff et al., 1997; Štulhofer et al., 2007).

Numa investigação de Santos-Iglesias et al. (2012a), com uma amostra de 1619 homens e 1755 mulheres, verificou-se que os homens iniciam mais contactos sexuais do que as mulheres. Um outro estudo também realizado por Santos-Iglesias et al. (2012b), com uma amostra de 4034 participantes, dos quais 1901 eram homens e 2133 eram mulheres, foi possível observar que à medida que a idade aumenta, a assertividade sexual de iniciação parece ser maior nos homens do que nas mulheres, em contraste as mulheres mais velhas relatam menor capacidade de rejeitar contactos sexuais indesejados e uma maior dificuldade em abordar assuntos sexuais.

Altos níveis de assertividade sexual ajudam os indivíduos a controlar as suas atitudes sexuais, a possuir uma melhor comunicação dos seus desejos e a prevenir um papel submisso, onde apenas se responde aos desejos do parceiro sexual (Rickert et al., 2002).

Nos homens, uma maior assertividade sexual foi associada a uma maior autoestima sexual (Lammers & Stoker, 2019), utilização mais frequente do preservativo e de métodos contraceptivos e uma menor tendência para relações sexuais desprotegidas (Redding et al., 2002).

Uma maior assertividade sexual nas mulheres está associada a maior frequência de orgasmos, uso do preservativo, atividade sexual mais frequente, atitudes sexuais mais positivas, níveis mais elevados de desejo sexual pelo parceiro, maior satisfação sexual, menor

probabilidade e frequência de vitimização, e níveis mais elevados de excitação (Apt & Hurlbert, 1993; Greene & Faulkner, 2005; Hurlbert, 1991; Morokoff, 1997, 2009; Noar et al., 2002; Santos-Iglesias et al., 2012a; Sierra et al., 2008). Também foram observadas correlações positivas entre a assertividade sexual e a satisfação e conforto corporal, que contribuem indiretamente para experiências sexuais mais positivas (Schooler et al., 2005).

A falta de assertividade sexual é um fator de risco para HIV, doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e gravidezes indesejadas (Somlai et al., 1998). A assertividade sexual está negativamente relacionada à culpa, ansiedade sexual, a uma menor probabilidade de evitar situações de agressão sexual, menor satisfação sexual, menor autoeficácia de resistência e maiores barreiras psicológicas à resistência de avanços sexuais indesejados (Greene & Faulkner, 2005; Kelley et al., 2016; Santos-Iglesias & Sierra, 2010a; Snell et al., 1991). Mais especificamente, a falta de assertividade sexual tem sido relacionada à anorgasmia (Hurlbert, 1991).

Numa investigação de Morokoff et al. (1997), com uma amostra de 1613 mulheres, verificou-se que as mulheres que são menos assertivas sexualmente terão menor probabilidade de expressar os seus interesses sexuais e terão maior probabilidade de se envolver em sexo indesejado.

Indivíduos que sofreram abuso físico e não físico parecem relatar menor assertividade sexual para iniciar e recusar atividades sexuais (Santos-Iglesias et al., 2012a, 2013). Estes resultados são consistentes com o estudo de Apt e Hurlbert (1993), que indica que experiências de vitimização e abuso podem reduzir a capacidade assertiva em contextos sexuais.

## **2.4 Assertividade, coerção e orientação sexual**

A assertividade sexual foi conceituada como uma estratégia eficaz na redução de avanços sexuais indesejados (Corbin et al., 2001; Yagil et al., 2006), associada a vários resultados positivos, como relacionamentos de melhor funcionamento (Greene & Faulkner, 2005), uma vida sexual mais satisfatória (Haavio-Mannila & Kontula, 1997) e uma probabilidade reduzida de ser vítima de coerção sexual (Kelley et al., 2016) ou agressão sexual (Franz et al., 2016). Deste modo, pode-se esperar que uma maior assertividade esteja correlacionada com o uso menos frequente de táticas coercivas (Lyons et al., 2020).

Uma associação negativa foi relatada entre assertividade sexual e a coerção sexual (Livingston & Vanzile-tamsen, 2007; Orchowski et al., 2017; Rickert et al., 2000; Sierra et al., 2007; Stoner et al., 2008; Walker, 2006), mesmo em casais (Apt & Hurlbert, 1993). Deste

modo, quando a assertividade sexual diminui, o risco de vitimização sexual aumenta (Greene & Navarro, 1998; Morokoff et al., 1997).

A assertividade sexual pode mediar a relação entre uma vitimização por coerção sexual e uma revitimização subsequente (Kelley et al., 2016), deste modo a baixa assertividade sexual pode ser uma consequência da vitimização e um fator de risco para experiências de coerção sexual (Testa et al., 2007).

No estudo realizado por Testa et al. (2007), com uma amostra de 927 mulheres, foi possível observar que as mulheres menos assertivas podem estar dispostas a permanecer em relacionamentos coercivos. Já anteriormente, Testa e Dermen (1999) demonstravam que as mulheres que sofreram coerção sexual relatam menor assertividade geral e sexual.

Na investigação realizada por Lyons et al. (2020), com uma amostra de 79 homens e 129 mulheres, constatou-se que nos homens, a assertividade sexual foi associada a uma menor perpetração da coerção sexual, isso pode refletir uma maior confiança sexual exibida por homens sexualmente assertivos e disposição para discutir questões sexuais. Num outro estudo, com 374 homens e mulheres, confirmou-se que as respostas assertivas são eficazes na redução de avanços sexuais indesejados (Yagil et al., 2006).

Na meta análise de Santos-Iglesias e Sierra (2010a), os resultados mostraram que a assertividade sexual é um elemento fundamental no funcionamento e resposta sexual, e que é altamente relevante como fator de proteção contra comportamentos sexuais de risco e experiências de vitimização e coerção sexual.

Numa investigação realizada por Ho et al. (2019), com 455 alunos LGBTQ, verificou-se que os indivíduos LGBTQ da amostra parecem mostrar baixos níveis de capacidade de comunicar com precisão a sua intenção sexual, podendo interpretar erroneamente as intenções sexuais dos seus parceiros e progredir os seus encontros sexuais sem conhecimento da agressão sexual. No entanto, o impacto da assertividade sexual na vitimização sexual nos indivíduos LGBTQ recebeu poucos estudos (Bouchard & Humphreys, 2019).

Estas conclusões fornecem suporte preliminar para direcionar a assertividade sexual como um fator protetor contra as tentativas de um indivíduo envolver-se em sexo indesejado (Orchowski et al., 2017). No entanto, existem lacunas no desenvolvimento de estudos com a população homossexual. É necessário investigações com amostras homossexuais para verificar se os resultados coincidem, levando em consideração a assertividade sexual como fator de proteção (Vanderlaan & Vasey, 2009).

### **3. Objetivos**

O presente estudo tem como objetivos:

- 1) Verificar a associação entre a assertividade sexual e a coerção sexual em parceiros íntimos;
- 2) Verificar a existência de diferenças da experiência de coerção sexual entre homossexuais e heterossexuais;
- 3) Verificar a existência de diferenças na assertividade sexual entre homossexuais e heterossexuais.

## 4. Metodologia

### 4.1 População e amostra

Os participantes do estudo representam uma amostra de indivíduos da população portuguesa que se identificam como homossexuais e heterossexuais. Foram selecionados por amostragem não probabilística, através do método da bola de neve. Foram considerados critérios de inclusão serem indivíduos maiores de idade (>18 anos) e que declarassem estar ou terem estado num relacionamento, com a duração mínima de 6 meses, de forma a garantir uma maior probabilidade de observação de comportamentos coercivos no casal.

A amostra inicial foi de 172 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 66 anos ( $M=31.19$ ;  $DP=11.41$ ), dos quais 81 identificaram-se como mulheres, 82 identificaram-se como homens, 1 indivíduo identificou-se como intersexual, 2 indivíduos como transgéneros, 1 indivíduo que não quis responder à questão, e 5 indivíduos que não encontraram nas opções a sua identidade de género.

**Tabela 4.1**

*Distribuição por Categorias da Orientação Sexual*

Categorias Orientação Sexual	Frequência	Frequência
	Absoluta	Relativa
Exclusivamente heterossexual	46	26.7%
Predominantemente heterossexual, apenas incidentemente homossexual	19	11.0%
Predominantemente heterossexual, mais do que incidentemente homossexual	10	5.8%
Igualmente Heterossexual e Homossexual	6	3.5%
Predominantemente homossexual, mais do que incidentalmente heterossexual	21	12.2%
Predominantemente homossexual, apenas incidentalmente heterossexual	29	16.9%
Exclusivamente homossexual	36	20.9%
<b>Em falta</b>	5	2.9%
Total	172	100%

Em relação à orientação sexual, 43.6% (n=75) identificou-se como heterossexual e 50.0% (n=86) identificou-se como homossexual. A restante amostra identificou-se como bissexual (n=6; 3.5%).

Além da identidade de género, idade e orientação sexual, foram recolhidos dados sociodemográficos como: a situação profissional, sendo mais de metade da amostra empregada (51.74%); as habilitações literárias, apresentando ser uma amostra escolarizada, em que 44.77% possui uma licenciatura e 34.30% possui o ensino secundário; e o estado civil, em que a maioria revela ser solteiro (76.74%) (Anexo A).

Relativamente à história sexual, 103 participantes afirmaram estar numa relação íntima exclusiva (não; n=69) e o número de parceiros sexuais dos participantes variou de 1 a mais de 100.

## Tabela 4.2

### *Distribuição dos Indivíduos por Género e Orientação Sexual*

	Feminino		Masculino		Total	
	FA	FR	FA	FR	FA	FR
<b>Heterossexual</b>	57	37.0%	17	11.0%	74	48.1%
<b>Homossexual</b>	19	12.3%	61	39.6%	80	51.9%
<b>Total</b>	76	49.4%	78	50.6%	154	100%

Legenda: FA- Frequência Absoluta; FR- Frequência Relativa

A amostra final foi composta por 154 participantes, tendo em conta os objetivos do estudo.

## 4.2 Instrumentos

### *Questionário Sociodemográfico*

Foi construído um instrumento com um conjunto de questões, de modo a adquirir informações sociodemográficas dos participantes, como estado civil, habilitações literárias, situação profissional atual, identidade de género e idade.

### *Questionário da História Sexual*

À semelhança do questionário sociodemográfico, foi construído um instrumento com um conjunto de questões, de modo a adquirir informações da história sexual dos participantes, como verificar se os participantes estão atualmente numa relação e o número de parceiros sexuais que tiveram até hoje.

### *Grelha de Orientação Sexual de Klein (GOS) (Klein et al., 1985)*

A Grelha de Orientação Sexual de Klein é uma escala adaptada da *Klein Sexual Orientation Grid*, utilizada com o objetivo de explorar a orientação sexual dos participantes. Para a sua utilização foi necessário a tradução e adaptação à população portuguesa, para a aplicação na amostra proposta.

O instrumento consiste em 21 questões, em que os participantes respondem utilizando uma escala linear do tipo *likert* de sete pontos sendo a primeira “o outro sexo apenas” e a última “o mesmo sexo apenas”, com sete variáveis da orientação sexual: atração pelos outros (física, sexual); comportamento sexual (beijar, tocar, interação sexual); fantasias sexuais (sonhos, durante a masturbação, imaginação); preferências sociais (amizades, confidentes, passar tempo); preferências emocionais (paixão, amor, romance); autoidentificação (como o próprio se vê) e estilo de vida (como vive a sua vida enquanto ser sexual), considerando nessas três dimensões temporais, do passado, desde da infância, até aos dias de hoje; na atualidade, tendo como referência o momento atual, como vive hoje; e idealmente, ou seja, se pudesse escolher livremente (Klein et al., 1985).

De acordo com a escala, pontuações finais é a soma de todas as respostas. Pontuações mais baixas indicam maior ênfase heterossexual, pontuações mais altas referem-se a tendências homossexuais e pontuações intermédias podem implicar uma orientação bissexual (Klein et al., 1985).

A estimativa da consistência interna de todo o instrumento foi excelente ( $\alpha = .98$ ) (Klein et al., 1985).

### *Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (CTS-2) (Alexandra & Figueiredo, 2006)*

As Escalas de Táticas de Conflito Revisadas é uma escala adaptada da *The Revised Conflict Tactics Scales* desenvolvida por Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996), mais tarde traduzida e validada para a população portuguesa por Alexandra e Figueiredo (2006).

Tem como objetivo avaliar o modo como os casais resolvem os seus conflitos, as estratégias utilizadas, como a negociação ou estratégias abusivas tais como o abuso físico sem

sequelas, o abuso físico com sequelas, a agressão psicológica e a coerção sexual (Straus et al., 1996).

A CTS-2 é constituída por 39 itens, tendo um total de 78 questões, dado que cada item é composto por duas questões, uma acerca do próprio sujeito e outra ligada ao/a seu/sua companheiro(a). Cada conjunto de itens pode ser agrupado em cinco escalas/dimensões, a negociação (“Mostrei ao meu companheiro/a que me preocupava com ele/a, mesmo que discordássemos”), agressão psicológica (“Ameacei ferir ou atirar alguma coisa no meu companheiro/a”), agressão física (“Torci o braço ou puxei o cabelo do meu companheiro/a”), coerção sexual (“Fiz o meu companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo”) e lesão corporal (“Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro/a”), para identificação de situações de violência entre indivíduos que tenham uma relação de namoro ou casamento. Os itens que contem a escala evidenciam o contexto em que as agressões ocorreram e operacionalizam em dois níveis de severidade, o ligeiro e o severo (Straus et al., 1996).

Inclui oito categorias de resposta, sendo a primeira “uma vez no último ano” e a última “nunca aconteceu” (Straus et al., 1996).

A cotação é realizada através do uso da prevalência e da cronicidade, para uma melhor compreensão dos valores obtidos. A cronicidade é obtida pela transformação do valor da escala original no ponto médio de cada categoria e soma posterior dos pontos médios dos itens: “1 vez”, teria o valor de 1 ponto; “2 vezes”, teria o valor de 2 pontos; “3 a 5 vezes” teria 4 pontos; “6 a 10 vezes” teria o valor 8 pontos; “11 a 20 vezes” teria o valor de 15 pontos, “mais de 20 vezes” teria o valor de 25 pontos, para determinar a cronicidade são considerados *missing* as categorias de resposta 7 e 8. A frequência anual é determinada pela soma dos pontos médios, conforme acima especificado, e posterior dicotomização dos itens, atribuindo às respostas assinaladas de 1 a 6 o valor de 100 pontos (ocorreu no último ano) e às respostas de 7 e 8 o valor 0 (não ocorreu no último ano). Para determinar a prevalência global, a todas as categorias de resposta de 1 a 7 atribuir 1 valor (ocorreu em alguma altura) e à categoria 8 o valor 0 (nunca ocorreu) (Alexandra & Figueiredo, 2006).

A versão original apresenta uma boa consistência interna que varia de .79 a .95 (Straus et al., 1996). Na versão portuguesa os valores de consistência interna da escala total para a perpetração é =.79 e para a vitimização =.80. No que se refere à perpetração, a escala de abuso físico sem sequelas é a que apresenta valores de consistência interna mais elevados ( $\alpha = .78$ ), seguida das escalas de negociação ( $\alpha = .73$ ), agressão psicológica ( $\alpha = .68$ ), coerção sexual ( $\alpha = .56$ ) e abuso físico com sequelas ( $\alpha = .50$ ). Relativamente à vitimização, também a escala de

abuso físico sem sequelas é a que apresenta valores de consistência interna superiores ( $\alpha = .74$ ), seguida das escalas de negociação ( $\alpha = .71$ ), agressão psicológica ( $\alpha = .64$ ), coerção sexual ( $\alpha = .51$ ) e abuso físico com sequelas ( $\alpha = .47$ ) (Alexandra & Figueiredo, 2006).

*Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima (ECSPV)* (Ramos, 2019)

As Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima foram adaptadas da *Perpetration of Sexual Coercion and Victim of Sexual Coercion Scales* desenvolvidas por Mathes e McCoy (2011), mais tarde traduzidas e adaptadas para a população portuguesa por Ramos (2019).

Pretende investigar as diferenças individuais na tendência de ser vítima e na tendência de ser perpetrador de coerção sexual (Mathes & McCoy, 2011).

O instrumento é constituído por duas escalas, a escala de coerção sexual do perpetrador (ECSP) e a escala de coerção sexual da vítima (ECSV), cada uma contem 13 itens, que procuram medir a tendência de praticar ou de sofrer um meio coercivo específico, a fim de obter um ganho sexual, nomeadamente através do uso de estratégias como ofender, suplicar, chantagear, discutir, fazer sentir remorsos, obrigatoriedade de realizar o ato sexual, álcool, ameaça, força física, oferta de perdas ou de benefícios financeiros, acariciar inapropriado, expor e tocar inapropriado. O exemplo de um item da ECSP é “Já alguma vez forçou alguém a ter sexo, fazendo com que a pessoa se sentisse culpada?” e de um item da ECSV é “Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo, fazendo com que se sentisse culpada/o?” (Mathes & McCoy, 2011).

Inclui uma escala de quatro pontos, sendo 1 “não, definitivamente” e 4 “sim, definitivamente”, de modo a que os participantes não tenham uma alternativa neutra, a pontuação total é a soma das avaliações, sendo que quanto mais elevado o valor, maior é a tendência (Mathes & McCoy, 2011).

Relativamente aos valores de consistência interna da versão original, a ECSP ( $\alpha = .88$ ) e a ECSV ( $\alpha = .89$ ) apresentam uma consistência interna adequada (Mathes & McCoy, 2011). Na versão portuguesa, a ECSP ( $\alpha = .97$ ) e a ECSV ( $\alpha = .95$ ) apresentam uma boa consistência interna (Ramos, 2019).

*Índice Hurlbert de Assertividade Sexual (IHAS)* (Hurlbert, 1991)

O Índice Hurlbert de Assertividade Sexual foi adaptado do *Hurlbert Index of Sexual Assertiveness*, desenvolvido por Hurlbert (1991), num estudo realizado em adultos do sexo

feminino. Para a sua utilização foi necessário a tradução e adaptação à população portuguesa, para a aplicação na amostra proposta.

Este instrumento permite conhecer o grau de assertividade sexual de um casal (iniciação e rejeição da atividade sexual) (Hurlbert, 1991).

A versão original é composta por 25 itens e fornece uma medida unidimensional da assertividade sexual em casais. O exemplo de um item do IHAS é “Não me sinto à vontade para falar durante o sexo.” (Hurlbert, 1991).

O instrumento utiliza uma medida tipo *likert* de 5 pontos, em que 0 refere-se a “sempre” e o 4 a “nunca”, a pontuação total é a soma de todas as respostas, variando de 0 a 100, sendo que pontuações mais altas indicam maior assertividade sexual. Para calcular a pontuação total é necessário inverter os itens 3, 4, 5, 7, 12, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23 (Hurlbert, 1991).

A versão original apresenta uma boa consistência interna ( $\alpha = .92$ ) (Hurlbert, 1991).

#### **4.3 Procedimento de recolha e tratamento de dados**

O estudo foi validado pelo Conselho Científico da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve e não viola a lei nº 58/2019 relativo à proteção das pessoas singulares, no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados.

Inicialmente, foram contactadas várias associações representantes da comunidade LGBTQIA+, via *email*, em que cinco autorizaram a divulgação do questionário aos seus associados.

Os dados foram recolhidos entre Dezembro de 2020 e Março de 2021, através de uma plataforma *online*. Após o consentimento informado, era possível o participante prosseguir ao preenchimento do respetivo questionário e com a submissão do mesmo, os dados ficavam automaticamente numa base de dados. Em seguida, os dados foram analisados e tratados com recurso ao software IBM SPSS- *Statistical Package for Social Sciences* (versão 24).

Foram realizadas análises de frequências e medidas de tendência central, que permitiram caracterizar o tipo de coerção e a sua prevalência, foram também descritos os resultados obtidos da operacionalização da assertividade sexual, caracterizando as médias de resposta.

Posteriormente, realizou-se correlações para garantir a existência de relações entre as variáveis e ANOVAS para avaliar a interação entre variáveis independentes sobre variáveis dependentes.

Verificou-se também as diferenças que influenciam a relação entre a assertividade sexual e a coerção sexual na orientação sexual, integrando essas diferenças numa discussão objetiva, comparando os resultados com estudos que se enquadram nesta investigação. Por

último, apresentou-se as conclusões gerais que pretende sistematizar os contributos deste estudo tanto da assertividade sexual como da coerção sexual.

## 5. Resultados

### 5.1 Análise descritiva univariada

Após a recolha dos dados, foram realizados tratamentos estatísticos para a apresentação dos resultados. Inicialmente foram efetuadas as medidas descritivas das variáveis utilizadas.

**Tabela 5.1**

#### *Análise descritiva da Assertividade e indicadores de Coerção Sexual*

	N	M (DP)	MIN	MAX
IHAS	154	49.50± (9.90)	27	88
CTS-2 C.S Ligeira Perpetrador	154	1.64± (2.59)	0	10
CTS-2 C.S Severa Perpetrador	154	0.23± (1.11)	0	6
CTS-2 C.S Ligeira Vítima	154	1.63 ± (3.14)	0	18
CTS-2 C.S Severa Vítima	154	0.29 ± (2.08)	0	24
ECSP	154	14.14 ± (2.94)	13	27
ECSV	154	17.70 ± (6.76)	13	46

Legenda: IHAS- Índice Hurlbert de Assertividade Sexual; CTS-2- Escalas de Táticas de Conflito Revisadas; C.S- Coerção Sexual; ECSP- Escala de Coerção Sexual do Perpetrador; ECSV- Escala de Coerção Sexual da Vítima

Relativamente ao IHAS, pontuações mais altas indicam uma maior assertividade sexual. Os participantes obtiveram uma média de 49.50 (DP=9.90), o que é abaixo da mediana estabelecida pelo autor Hurlbert (1991) (pontuação igual a 73). As pontuações dos participantes variam entre o mínimo de 27 e o máximo de 88.

Na análise das dimensões da CTS-2, considerando a cronicidade na perpetração, os participantes apresentam na dimensão da coerção sexual ligeira um valor médio de 1.64 (DP= 2.59), valor abaixo do constatado para a população normal pelos autores Alexandra e Figueiredo (2006), que observaram uma média de 13.90 (DP= 11.67). As pontuações dos participantes variam entre o mínimo de 0 e o máximo de 10. Na dimensão da coerção sexual severa, os intervenientes obtiveram uma média de 0.23 (DP= 1.11), também um valor abaixo do constatado para a população normal pelos autores Alexandra e Figueiredo (2006), que apresentam uma média de 6.90 (DP= 10.31). As pontuações variam entre o mínimo de 0 e o máximo de 6, valores inferiores em comparação com a dimensão da coerção sexual ligeira, o

que nos permite concluir que grande parte dos inquiridos considera não realizar comportamentos coercivos nas suas relações de namoro ou casamento.

Relativamente à cronicidade na vitimização, os participantes apresentam na dimensão da coerção sexual ligeira uma média de 1.63 (DP= 3.14), uma vez mais um valor abaixo do constatado pelos autores Alexandra e Figueiredo (2006) para a população normal (M=12.22; DP=12.69). As pontuações variam entre um mínimo de 0 e o máximo de 18. Na coerção sexual severa, os inquiridos apresentam um valor médio de 0.29 (DP= 2.08), também um valor inferior ao constatado pelos autores Alexandra e Figueiredo (2006) para a população normal (M= 6.18; DP= 8.41). As pontuações variam entre o mínimo de 0 e o máximo de 24. Em comparação com a perpetração, os valores médios demonstram ser semelhantes, neste caso a coerção sexual ligeira- perpetrador é semelhante aos valores da coerção sexual ligeira- vítima, bem como a coerção sexual severa- perpetrador com a coerção sexual severa- vítima, apesar da amplitude amostral da vitimização ser maior. Os participantes, tal como na perpetração, parecem não considerar estarem envolvidos em comportamentos coercivos praticados pelo seu parceiro íntimo.

Na ECSP, a amostra apresenta uma média de 14.14 (DP= 2.94), valor inferior ao constatado pelo autor Ramos (2019) para a população normal (M= 16.79; DP= 6.34). O valor de pontuação mínima é 13 e a pontuação mais alta obtida é 27. Parece significar que estamos perante uma população que não se identifica com a tendência para praticar comportamentos coercivos.

Na ECSV, a média é ligeiramente maior do que a anterior (M=17.70; DP= 6.76), valor mais elevado ao constatado pelo autor Ramos (2019) para a população normal (M=14.75; DP= 4.49). A pontuação mínima continua a pontuação mais baixa possível, no entanto a pontuação máxima é bastante mais elevada, o que parece significar que os participantes mais facilmente se identificam como vítimas, do que como perpetradores de comportamentos coercivos.

## 5.2 Análise de correlações

Com o objetivo de verificar a existência de relação ou não relação entre as variáveis, recorreu-se à análise de correlação de *Pearson*, que neste caso corresponde ao cruzamento entre escalas e entre as dimensões da CTS-2 (Tabela 5.2).

**Tabela 5.2**

*Correlações entre as escalas e entre as dimensões da CTS-2*

	1	2	3	4	5	6	7
1. IHAS	-	-	-	-	-	-	-
2. CTS-2 C. S. Ligeira P.	-.051	-	-	-	-	-	-
3. CTS-2 C. S. Severa P.	.102	<b>.322**</b>	-	-	-	-	-
4. CTS-2 C. S. Ligeira V.	<b>-.229**</b>	<b>.560***</b>	.116	-	-	-	-
5. CTS-2 C. S. Severa V.	.119	<b>.153*</b>	<b>.526***</b>	<b>.431**</b>	-	-	-
6. ECSP	.035	<b>.165*</b>	.051	<b>.164*</b>	-.007	-	-
7. ECSV	.020	.027	.024	.121	.036	<b>.526**</b>	-

Legenda: IHAS- Índice Hurlbert de Assertividade Sexual; CTS-2- Escalas de Táticas de Conflito Revisadas; C.S- Coerção Sexual; P- Perpetrador; V- Vítima; ECSP- Escala de Coerção Sexual do Perpetrador; ECSV- Escala de Coerção Sexual da Vítima

\*Valores de significância < .05

\*\*Valores de significância < .01

\*\*\* Valores de significância < .001

Ao confrontar relações entre as variáveis, nomeadamente entre o Índice Hurlbert de Assertividade Sexual, as dimensões da CTS-2 e as Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima, foi possível confirmar a existência de correlações significativas.

Relativamente à assertividade sexual apresenta apenas uma correlação negativa fraca com a coerção sexual ligeira- vítima ( $r=-.229, p=.003$ ).

A coerção sexual ligeira- perpetrador apresenta uma correlação moderada com a coerção sexual severa- perpetrador ( $r=.322, p < .001$ ), uma correlação moderada com a coerção sexual ligeira- vítima ( $r=.560, p < .001$ ), uma correlação fraca com a coerção sexual severa- vítima ( $r=.153, p= .046$ ) e com a escala de coerção sexual do perpetrador ( $r=.165, p= .031$ ). No que diz respeito à coerção sexual severa- perpetrador apresenta uma correlação moderada com a coerção sexual severa- vítima ( $r=.526, p < .001$ ). A coerção sexual ligeira- vítima possui uma

correlação moderada com a coerção sexual severa- vítima ( $r=.431$ ,  $p < .001$ ) e uma correlação fraca com a escala de coerção sexual do perpetrador ( $r=.164$ ,  $p=.031$ ).

Finalmente, verificou-se uma correlação moderada entre a escala de coerção sexual do perpetrador e a escala de coerção sexual da vítima ( $r=.526$ ,  $p < .001$ ).

### 5.3 Análise de variância

De forma a comparar se as médias são significativamente diferentes entre as variáveis, recorreu-se a uma ANOVA. Este tipo de análise pretende avaliar as interações entre as variáveis independentes (Género; Orientação Sexual) sobre as variáveis dependentes (Coerção Sexual Ligeira- Vítima; Coerção Sexual Severa- Vítima; Coerção Sexual Ligeira- Perpetrador; Coerção Sexual Severa- Perpetrador; ECSV; ECSP; e IHAS). Nas tabelas seguintes é apresentado a influência dos dois fatores independentes, de forma isolada e com a interação de ambos, numa variável dependente.

**Tabela 5.3**

*ANOVA entre a Coerção Sexual Ligeira- Vítima e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género*

Variáveis	df	M	F	p
Orientação Sexual	1	6.935	0.695	0.406
Género	1	0.745	0.075	0.785
Orientação Sexual – Género	1	1.143	0.115	0.735

Foi realizada uma ANOVA, em que a Coerção Sexual Ligeira foi considerada variável dependente de dois fatores independentes, Orientação Sexual e o Género. Não se observou um efeito do Género ( $F_{(1, 167)}=0.075$ ,  $p>.05$ ), nem da Orientação Sexual ( $F_{(1, 167)}=0.695$ ,  $p>.05$ ), nem da interação de ambos ( $F_{(1, 167)}=0.115$ ,  $p>.05$ ).

**Tabela 5.4**

*ANOVA entre a Coerção Sexual Severa- Vítima e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género*

<b>Variáveis</b>	<b>df</b>	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>p</b>
<b>Orientação Sexual</b>	1	9.022	2.094	0.150
<b>Género</b>	1	4.532	1.045	0.308
<b>Orientação Sexual – Género</b>	-	-	-	-

A Coerção Sexual Severa foi considerada variável dependente de dois fatores independentes, Orientação Sexual e o Género, para a realização de uma ANOVA. Não se observou um efeito do Género ( $F_{(1, 167)} = 1.045, p > .05$ ), nem da Orientação Sexual ( $F_{(1, 167)} = 2.094, p > .05$ ), nem da interação de ambos, onde a variância da Coerção Sexual Severa é igual a 0 na interação entre os dois fatores independentes.

Ambas as dimensões da coerção sexual- vítima, nos dois níveis de severidade, ligeira e severa, da CTS-2, não apresentaram efeitos do género, da orientação sexual, nem da interação de ambos. O que parece demonstrar que ser vítima de comportamentos coercivos nos relacionamentos íntimos não tem influência do género, ou seja, ser do género masculino ou feminino, nem da orientação sexual, ser homossexual ou heterossexual.

**Tabela 5.5**

*ANOVA entre a Coerção Sexual Ligeira- Perpetrador e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género*

<b>Variáveis</b>	<b>df</b>	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>p</b>
<b>Orientação Sexual</b>	1	10.159	1.524	0.219
<b>Género</b>	1	2.495	0.374	0.542
<b>Orientação Sexual – Género</b>	1	0.592	0.089	0.766

Foi realizada uma ANOVA, em que a Coerção Sexual Ligeira foi considerada variável dependente de dois fatores independentes, Orientação Sexual e o Género. Não se observou um

efeito do Género ( $F_{(1, 167)} = 0.374, p > .05$ ), nem da Orientação Sexual ( $F_{(1, 167)} = 1.524, p > .05$ ), nem da interação de ambos ( $F_{(1, 167)} = 0.089, p > .05$ ).

**Tabela 5.6**

*ANOVA entre a Coerção Sexual Severa- Perpetrador e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género*

<b>Variáveis</b>	<b>df</b>	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>p</b>
<b>Orientação Sexual</b>	1	3.044	2.488	0.117
<b>Género</b>	1	1.022	0.826	0.365
<b>Orientação Sexual – Género</b>	-	-	-	-

Relativamente à Coerção Sexual Severa, foi considerada variável dependente, de dois fatores independentes, Orientação Sexual e Género, para a realização de uma ANOVA. Semelhante à anterior variável, também não se observou um efeito do Género ( $F_{(1, 167)} = 0.826, p > .05$ ), nem da Orientação Sexual ( $F_{(1, 167)} = 2.488, p > .05$ ), nem da interação de ambos, em que a variância da Coerção Sexual Severa é igual a 0 na interação entre a Orientação Sexual e o Género.

Conforme aconteceu na coerção sexual- vítima, as variáveis da coerção sexual-perpetrador, nos dois níveis de severidade, ligeira e severa, da CTS-2 também não apresentaram efeitos do género, da orientação sexual, nem da interação de ambos. O que parece determinar que realizar comportamentos, com intenção de compelir o companheiro/a a se envolver numa atividade sexual indesejada, não tem influência do género, ou seja ser do género masculino ou feminino, nem da orientação sexual, ser homossexual ou heterossexual.

**Tabela 5.7**

*ANOVA entre a ECSV e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género*

<b>Variáveis</b>	<b>df</b>	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>p</b>
<b>Orientação Sexual</b>	1	208.236	4.692	0.032
<b>Género</b>	1	288.724	6.506	0.012
<b>Orientação Sexual – Género</b>	1	0.394	0.009	0.925

Foi realizada uma ANOVA, em que a ECSV foi considerada variável dependente de dois fatores independentes, Orientação Sexual e o Género. Observou-se um efeito do Género ( $F_{(1, 167)} = 6.506, p = 0.012$ ), e da Orientação Sexual ( $F_{(1, 167)} = 4.692, p = 0.032$ ), mas não da interação de ambos ( $F_{(1, 167)} = 0.009, p > .05$ ).

**Tabela 5.8**

*Teste de comparação de médias post-hoc*

		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>M</i>	Intervalo de		Erro
					Confiança 95%		
					Inf.	Sup.	
<b>Género</b>	Feminino			19.263	17.520	21.007	0.882
	Masculino	2.551	0.012	16.024	14.219	17.829	0.914
<b>Orientação Sexual</b>	Heterossexual			16.268	14.449	18.087	0.920
	Homossexual	-2.166	0.032	19.019	17.290	20.748	0.875

De acordo com a Tabela 5.8, foi realizado um teste de comparação de médias (Feminino; Masculino) (Heterossexual; Homossexual) dos fatores independentes (Género; Orientação Sexual), com um intervalo de confiança de 95%. Foi possível observar que há diferenças significativas no género, ou seja, há diferenças entre ser do género feminino ou do género masculino ( $t_{(1, 167)} = 2.551; p = 0.012$ ), onde as mulheres apresentam uma média de respostas estatisticamente superior à dos homens na ECSV. No caso da orientação sexual, também existe diferenças significativas entre ser homossexual ou heterossexual ( $t_{(1, 167)} = -2.166; p = 0.032$ ), onde os homossexuais apresentam uma média de respostas superior na ECSV. Portanto, são as mulheres e os homossexuais que são mais suscetíveis de sofrer um meio coercivo específico.

**Tabela 5.9***ANOVA entre a ECSP e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género*

<b>Variáveis</b>	<b>df</b>	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>p</b>
<b>Orientação Sexual</b>	1	16.779	1.925	0.167
<b>Género</b>	1	2.730	0.313	0.577
<b>Orientação Sexual – Género</b>	1	0.002	2.294e -4	0.988

Em relação à ECSP, semelhante às anteriores variáveis, foi realizada uma ANOVA, em que foi considerada a variável dependente de dois fatores independentes (Género; Orientação Sexual), onde não foi possível observar um efeito do Género ( $F_{(1, 167)} = 0.313$ ,  $p > .05$ ), da Orientação Sexual ( $F_{(1, 167)} = 1.925$ ;  $p > .05$ ), nem da interação de ambos ( $F_{(1, 167)} = 2.294e -4$ ;  $p > .05$ ). Parece mostrar que a tendência de praticar um meio coercivo para obter um ganho sexual não é influenciada pelo género, orientação sexual ou a sua interação.

**Tabela 5.10***ANOVA entre a Assertividade Sexual e os dois fatores independentes: Orientação Sexual e Género*

<b>Variáveis</b>	<b>df</b>	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>p</b>
<b>Orientação Sexual</b>	1	17.358	0.174	0.677
<b>Género</b>	1	52.558	0.528	0.468
<b>Orientação Sexual – Género</b>	1	15.858	0.159	0.690

Por fim, foi realizado também uma ANOVA, para a assertividade sexual (IHAS), variável considerada dependente de dois fatores independentes (Orientação Sexual; Género). Os dados demonstram que não foi possível observar um efeito do Género ( $F_{(1, 167)} = 0.528$ ;  $p > .05$ ), da Orientação Sexual ( $F_{(1, 167)} = 0.174$ ;  $p > .05$ ), nem da interação de ambos ( $F_{(1, 167)} = 0.159$ ;  $p > .05$ ), na assertividade sexual. Deste modo, a habilidade social de exibir comportamentos assertivos em situações sexuais, não é influenciada pelo género, orientação sexual ou a sua interação.

## 6. Discussão

A presente investigação partiu do pressuposto inicial de que a assertividade sexual desempenha um papel protetor sobre comportamentos coercivos nas relações íntimas exclusivas, podendo esta relação ser diferente para indivíduos heterossexuais e homossexuais. Deste modo, os objetivos principais foram verificar se existe uma associação entre a assertividade sexual e a coerção sexual em parceiros íntimos, verificar a existência de diferenças da experiência de coerção sexual entre homossexuais e heterossexuais e verificar a existência de diferenças na assertividade sexual entre homossexuais e heterossexuais.

Para analisar a associação entre a assertividade sexual e a coerção sexual em parceiros íntimos, começámos por verificar a existência de correlações com a medida da assertividade sexual e os indicadores da coerção sexual utilizados. A literatura prévia consultada expõem a associação negativa entre a assertividade sexual e a coerção sexual (Livingston & Vanzile-tamsen, 2007; Orchowski et al., 2017; Rickert et al., 2000; Sierra et al., 2007; Stoner et al., 2008; Walker, 2006). Os resultados da análise correlacional indicaram uma associação negativa entre a assertividade sexual e a coerção sexual ligeira na vitimização, deste modo, quanto menor é a assertividade sexual maior será a vitimização na coerção sexual ligeira. No entanto, esperava-se mais correlações significativas com outros indicadores presentes no estudo, de modo a verificar a associação entre a coerção sexual e a assertividade sexual nos parceiros íntimos (Apt & Hurlbert, 1993).

Apesar de ser reportado na literatura a existência de comportamentos coercivos nas relações íntimas, os resultados deste estudo poderão ser reflexo de uma amostra saudável e com pouca expressão desta problemática. A proposta de uma relação entre a assertividade sexual e a coerção sexual continua a ser válida, ou seja, os indivíduos que pontuam mais baixo na assertividade sexual, tendo por isso menor capacidade para expressar abertamente os seus desejos e vontades, são também os que apresentam mais vitimização na coerção sexual ligeira. No estudo de Willis e Nelson-Gray (2020) verificou-se que mulheres universitárias expostas a coerção sexual moderada pelo seu parceiro atual seriam mais complacentes com a hipotética coerção sexual daquele parceiro, tanto moderada quanto severa, a longo prazo.

Ao confirmar-se uma correlação negativa entre a assertividade sexual e a coerção sexual ligeira, pode sugerir-se que abordar este tipo de temáticas poderá reduzir a violência sexual praticada pelo parceiro íntimo na sociedade, partindo de uma prevenção primária, através da educação de comportamentos sexuais saudáveis, onde os indivíduos mais facilmente

conseguem identificar comportamentos não adequados na sua relação e fazer prevalecer os seus desejos e vontades.

Começando por discutir a coerção sexual, Paiva e Figueiredo (2004), por exemplo, observaram na população portuguesa taxas de vitimização e perpetração de 25.6% e 2.9%, respetivamente. Na presente investigação foi possível verificar que a taxa de vitimização é superior à taxa de perpetração, conforme aconteceu no estudo supramencionado. No entanto, os valores tanto da vitimização como da perpetração são inferiores aos apresentados na literatura (Krahé et al., 2015; Paiva & Figueiredo, 2004; Santos-Iglesias & Sierra, 2012; Smith et al., 2017), deste modo parece que os participantes demonstram não se identificar como vítimas, nem como perpetradores de comportamentos coercivos nas suas relações amorosas. Analisou-se também a severidade da coerção sexual, esta permitiu verificar que as formas ligeiras prevalecem sobre as severas, espelhando os resultados obtidos por outros autores (Paiva & Figueiredo, 2004; Straus et al., 1996).

A literatura apresenta as mulheres como as mais propensas a sofrer coerção sexual e os homens como os que mais perpetraram (Abbey & McAuslan, 2004; Hines & Saudino, 2003; O'Sullivan et al., 1998; Struckman-Johnson et al., 2003; Vanderlaan & Vasey, 2009). No entanto, no presente estudo, a diferença entre géneros verificou-se apenas na vitimização.

De acordo com os estudos consultados, estes resultados não eram os previstos, visto que a diferença entre géneros é muitas vezes indicada na prevalência da vitimização e perpetração de comportamentos coercivos. A premissa das mulheres serem mais suscetíveis a sofrer este tipo de comportamentos, apenas foi confirmada num indicador de coerção sexual mais generalizado (ECSV), não sendo confirmada nos indicadores mais específicos (coerção sexual ligeira; coerção sexual severa). Na premissa seguinte, de que os homens perpetraram mais comportamentos coercivos, em nenhum dos indicadores utilizados se confirmou esta afirmação.

Estes resultados poderão ser explicados pelas mudanças culturais. Supõem-se que os homens e as mulheres possuem papéis e expectativas diferentes em relação ao sexo, a mulher é apresentada como mais passiva e submissa e o homem como mais ativo e iniciador (Emmerink et al., 2016), porém com a crescente consciencialização da igualdade de géneros, essas diferenças começam a ser diluídas, modificando-se as normas e os papéis sexuais do homem e da mulher em relação ao sexo (Hines et al., 2007; Russell & Oswald, 2001).

Relativamente à perpetração, é um comportamento menos desejável, e por isso, também mais difícil de ser admitido, além disso, a perceção do comportamento coercivo, nas formas ligeiras, confunde-se, muitas vezes, com estratégias de sedução entre o casal. A fronteira do momento em que é percebido pela vítima como perpetração, pode ser diferente para quem

insinua, e a incapacidade para expressar abertamente poderá provocar uma assimetria percetiva entre a perpetração e a vitimização, o que justificaria o desvio entre a percentagem de vítimas e perpetradores, se assumirmos que os perpetradores estão na mesma ordem de grandeza, ou pelo menos, semelhante com o número de vítimas.

A comunidade LGBTQIA+ permitiu aumentar a consciencialização da problemática da violência sexual praticada pelo parceiro íntimo em relacionamentos com indivíduos do mesmo género, como tal, a análise sobre a coerção sexual também deve aumentar nestas minorias, para uma compreensão mais generalizada do problema. Neste sentido, no presente estudo, foi realizada uma exploração da coerção sexual à luz da orientação sexual, comparando-se a população homossexual com a população heterossexual. De acordo com a literatura consultada, as experiências coercivas também fazem parte da realidade dos casais homossexuais, no entanto autores dividem-se entre a existência ou não de diferenças deste fenómeno entre as duas populações (Burke & Follingstad, 1999). Vários autores afirmam que as mulheres e os homens homossexuais sofrem mais experiências de coerção e agressão sexual do que os heterossexuais (Duncan, 1990; Edwards et al., 2015; Kammer-Kerwick et al. 2019; Stoddard et al., 2009; Waldner-Haugrud, 1999), porém outros relatam não existir diferenças entre homossexuais e heterossexuais (Jones & Raghavan, 2012).

Os resultados deste estudo revelam que, num dos indicadores de vitimização de coerção sexual mais generalizado (ECSV), existem diferenças entre as duas orientações sexuais. Neste caso, ser homossexual torna os indivíduos mais suscetíveis a comportamentos coercivos por parte do seu parceiro íntimo. No entanto, essa diferença não foi observada nos outros indicadores de coerção sexual mais específicos utilizados neste estudo (coerção sexual ligeira; coerção sexual severa). Em relação à perpetração de atos coercivos, não foram encontradas diferenças significativas entre orientações sexuais. Deste modo, parece que ser homossexual ou heterossexual não exerce efeitos na execução destes comportamentos.

Parece então existir apenas diferenças na vitimização, sendo os homossexuais mais propensos a sofrer este tipo de atos. Este resultado pode ser explicado pelo facto das minorias sexuais serem muitas vezes estigmatizadas e carenciadas de informação devido à sua orientação sexual, sendo por isso menos alvo de apoio, e conseqüentemente menos conscientes para detetar como abusivos estes comportamentos no seu parceiro (Almeida et al., 2010; Nunan, 2004). O facto de não terem sido detetadas diferenças nos outros indicadores, pode ser explicado pela socialização semelhante que os indivíduos passam nas culturas ocidentais, onde os seus comportamentos sexuais surgem mais de acordo com o género e não tanto pela orientação sexual (Byers & Heinlein, 1989; VanderLaan, 2007; VanderLaan & Vasey, 2008, 2009).

Outro dos nossos objetivos era verificar a existência de diferenças na assertividade sexual entre homossexuais e heterossexuais. De acordo com a literatura, a assertividade sexual é a habilidade de apresentar comportamentos assertivos em situações sexuais (Painter, 1993), sendo considerada por diversos autores um elemento fundamental na proteção de comportamentos sexuais de risco, incluindo a coerção sexual (Orchowski et al., 2017; Santos-Iglesias & Sierra, 2010a). No presente estudo, através da análise descritiva foi possível compreender que os participantes encontram-se abaixo do valor médio do estudo da escala da assertividade sexual, contudo a escala utilizada não apresenta o valor de corte adaptado à população portuguesa, o que poderá afetar a interpretação dos resultados obtidos.

De acordo com a literatura prévia, quando comparados os dois géneros, verifica-se que os homens apresentam pontuações mais altas na assertividade sexual (Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Morokoff et al., 1997; Pierce & Hurlbert, 1999; Snell et al., 1991; Štulhofer et al., 2007), todavia, esta premissa não se confirmou no presente estudo, os resultados demonstram que não existem diferenças significativas entre géneros, o que pode ser explicado, como já referido anteriormente, pelas modificações que o duplo padrão sexual poderá estar a sofrer, assim como as normas sexuais e os papéis dos homens e das mulheres em relação ao sexo, há por isso uma maior liberdade sexual para ambos os géneros, permitindo-lhes viver de forma mais plena a sua sexualidade, melhorando as suas competências comunicacionais. Ainda assim, há uma variabilidade e vulnerabilidade associada à fraca capacidade de comunicação, como se percebe com a associação negativa entre a assertividade sexual e a coerção sexual ligeira, ou seja, não parece ser uma relação muito linear, no entanto é um indicativo que este deverá ser um dos fatores que afeta as vítimas, que ainda assim são mais mulheres que homens.

Estamos perante uma amostra jovem o que poderá também promover um menor histórico relacional, com menor propensão a situações de vitimização e, simultaneamente, com uma perspetiva diferente sobre o papel do homem e da mulher nas relações.

Procurou-se ainda a existência de diferenças na assertividade sexual entre homossexuais e heterossexuais. Ho et al., (2019) verificaram que os indivíduos da comunidade LGBTQ parecem possuir níveis baixos de comunicação das suas intenções sexuais, o que nos levou a prever que se tratava de uma população com níveis mais baixos de assertividade sexual em comparação com a população heterossexual. Porém, os resultados deste estudo revelam que não existem diferenças significativas, ou seja, os níveis de assertividade sexual não são influenciados pela orientação sexual. Em síntese, não se observaram diferenças na assertividade sexual entre homossexuais e heterossexuais, nem entre homens e mulheres.

Os resultados podem ser explicados por ainda se viver numa sociedade heteronormativa, em que os comportamentos dos homens homossexuais parecem ser semelhantes ao dos homens heterossexuais, bem como nas mulheres heterossexuais e homossexuais, em que as expectativas recaem sobre um homem mais ativo e iniciador e uma mulher mais submissa e passiva, independentemente da orientação sexual, onde o género parece exercer uma maior influência (Eaton & Matamala, 2014; VanderLaan, 2007; VanderLaan & Vasey, 2008, 2009). Os homens homossexuais e heterossexuais continuam a ser os agentes ativos e as mulheres heterossexuais e homossexuais continuam a ser agentes passivos.

Relativamente às limitações do nosso estudo, salienta-se em primeiro lugar a existência de dois grupos subdimensionados, neste caso as amostras de homens heterossexuais e de mulheres homossexuais é muito inferior às amostras de mulheres heterossexuais e dos homens homossexuais, o que ameaça a validade interna (efeitos decorrentes desse desequilíbrio, não controlados) e externa (generalização) da presente investigação. Uma outra limitação está na falta de controlo no preenchimento dos instrumentos, apesar de anónimo e confidencial, poderá ter acontecido, algumas vítimas e perpetradores omitirem condutas coercivas por se tratar de uma informação muito íntima. Finalmente, uma outra limitação prende-se pela adequabilidade das medidas escolhidas para estudar a coerção sexual, sendo esta uma problemática que se manifesta através de comportamentos subtis nas relações íntimas, as medidas, muitas vezes envolvem a força física e o insulto, afastando-se para algo mais severo, o que poderá dificultar a compreensão do conceito da coerção sexual na interpretação dos itens e conduzir a uma sub-representação do fenómeno.

Neste sentido, para estudos futuros, seria importante investir em investigações com temáticas subjacentes, que permitissem uma maior representatividade do fenómeno, com amostras constituídas por vítimas de coerção sexual já identificadas, ou em indivíduos com relações mais longas, de modo a verificar a probabilidade da existência de coerção sexual a longo prazo. Pode também no futuro realizar-se um estudo, em que o foco seria um tipo de relação específica, de namoro, casamento ou união de facto, e compreender as diferenças da interseção das presentes variáveis, na população homossexual e heterossexual. Por fim, coloca-se a sugestão de encontrar outro constructo que se considere um fator protetor, analisando a relação com a coerção sexual, e comparando casais homossexuais com casais heterossexuais.

## 7. Considerações Finais

A VPI é ainda uma problemática pouco explorada em Portugal. De acordo com o Relatório Anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2021) em 2020, 18.2% das queixas obtidas no último ano, foram de vítimas de violência praticada pelo cônjuge, transmitindo a necessidade destes assuntos serem abordados e combatidos.

O nosso estudo contribuiu para o avanço científico na VPI, nomeadamente no conhecimento da coerção sexual na população homossexual, permitindo deste modo a comparação com a população heterossexual, e como a assertividade sexual pode funcionar como fator protetor desta problemática, em ambas as populações. De acordo com a presente amostra, podemos concluir que as mulheres e os homossexuais estão mais suscetíveis à vitimização de comportamentos coercivos nas suas relações de namoro ou casamento, e que a assertividade sexual tem uma associação negativa com a coerção sexual ligeira na vitimização.

A presente investigação poderá ser o reflexo de que os esforços realizados na prevenção e combate da violência sexual começam a apresentar efeitos, apesar de não ter sido utilizado nenhum indicador para analisar esta mudança. Os resultados das variáveis estudadas parecem espelhar uma amostra saudável, com pouca expressão da problemática, mais informada e sem grande afirmação de diferenças entre géneros.

Este estudo pretende trazer à Psicologia Clínica e da Saúde uma melhor compreensão e exploração da coerção sexual em parceiros íntimos e da sua prevalência na população homossexual e heterossexual, tendo em conta as consequências complexas para a vida dos indivíduos. A coerção sexual nos relacionamentos íntimos poderá manifestar-se de forma subtil, em que a própria vítima e o perpetrador não se apercebem dos comportamentos abusivos. Neste sentido, destaca-se a assertividade sexual, uma habilidade que não irá impedir de forma absoluta que tais comportamentos aconteçam, mas que irá guiar os indivíduos a práticas sexuais seguras, agradáveis e desejadas.

O aumento de estudos em temas similares, poderá aumentar a atenção para esta problemática, não só na população heterossexual, como se tem vindo a fazer, como também noutras minorias sexuais, muitas vezes esquecidas e estigmatizadas, que necessitam igualmente de ser informadas e consciencializadas para este tipo de comportamentos na relação com o seu parceiro íntimo.

Considerámos um fenómeno importante a ser reportado em todas as relações íntimas, pois todos os seres humanos têm o direito a serviços adequados de atendimento profissional,

independentemente da sua orientação sexual, identidade de género, nacionalidade, etnia ou raça, para a construção de um mundo justo.

## 8. Referências Bibliográficas

- Abbey, A., & McAuslan, P. (2004). A longitudinal examination of male college students' perpetration of sexual assault. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 72*(5), 747–756. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.72.5.747>
- Abbey, A., Parkhill, M., Beshears, R., Monique, A., & Zawacki, T. (2006). Cross-sectional predictors of sexual assault perpetration in a community sample of single African American and Caucasian men. *Aggressive Behavior, 32*(1), 54–67. <https://doi.org/10.1002/ab.20107>
- Abbey, A., Wegner, R., Woerner, J., Pegram, S., & Pierce, J. (2014). Review of Survey and Experimental Research That Examines the Relationship Between Alcohol Consumption and Men's Sexual Aggression Perpetration. *Trauma, Violence, and Abuse, 15*(4), 265–282. <https://doi.org/10.1177/1524838014521031>
- Alexandra, C., & Figueiredo, B. (2006). Versão Portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: Estudo de Validação. *Psicologia: Teoria e Prática, 8*(2), 14–39.
- Almeida, M., Costa, C., Rodrigues, L., & Pereira, M. (2010). O contexto LGBT em Portugal. *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 45–90). CiGa.
- Anderson, P., & Aymami, R. (1993). Reports of female initiation of sexual contact: Male and female differences. *Archives of Sexual Behavior, 22*(4), 335–343. <https://doi.org/10.1007/BF01542122>
- Apt, C., & Hurlbert, D. (1993). The sexuality of women in physically abusive marriages: A comparative study. *Journal of Family Violence, 8*(1), 57–69. <https://doi.org/10.1007/BF00986993>
- Archer, J. (2002). Sex differences in physically aggressive acts between heterosexual partners: A meta-analytic review. *Aggression and Violent Behavior, 7*(4), 313–351. [https://doi.org/10.1016/S1359-1789\(01\)00061-1](https://doi.org/10.1016/S1359-1789(01)00061-1)
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2021). *Estatísticas APAV Relatório Anual 2020*. [https://apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/Estatisticas\\_APAV\\_Relatorio\\_Anual\\_2020.pdf](https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2020.pdf)
- Bailey, J., Gaulin, S., Agyei, Y., & Gladue, B. (1994). Effects of Gender and Sexual Orientation on Evolutionarily Relevant Aspects of Human Mating Psychology. *Journal of Personality and Social Psychology, 66*(6), 1081–1093. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.66.6.1081>
- Bouchard, L., & Humphreys, T. (2019). Asserting sexual (dis)interest: How do women's capabilities differ? *Canadian Journal of Human Sexuality, 28*(2), 226–241. <https://doi.org/10.3138/cjhs.2019-0012>
- Brown, A., Testa, M., & Messman-Moore, T. (2009). Psychological consequences of sexual victimization resulting from force, incapacitation, or verbal coercion. *Violence Against Women, 15*(8), 898–919. <https://doi.org/10.1177/1077801209335491>
- Burke, L., & Follingstad, D. (1999). Violence in lesbian and gay relationships: Theory, prevalence, and correlational factors. *Clinical Psychology Review, 19*(5), 487–512. [https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(98\)00054-3](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(98)00054-3)
- Buss, D. (2004). *The evolution of desire: Strategies of Human Mating*. Basic Book.
- Buzawa, E., Buzawa, C., & Stark, E. (2017). *Responding to domestic violence: The integration of criminal justice and human services*. SAGE.
- Byers, E., & Heinlein, L. (1989). Predicting Initiations and Refusals of Sexual Activities in Married and Cohabiting Heterosexual Couples. *The Journal of Sex Research, 26*(2), 210–231. <https://doi.org/10.1080/00224498909551507>
- Corbin, W., Bernat, J., Calhoun, K., McNair, L., & Seals, K. (2001). The role of alcohol expectancies and alcohol consumption among sexually victimized and nonvictimized college women. *Journal of Interpersonal Violence, 16*(4), 297–311.

- <https://doi.org/10.1177/088626001016004002>
- Costa, L., Machado, C., & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Psicologica*, 1(1), 2–26.
- Coulter, R., Mair, C., Miller, E., Blossnich, J., Matthews, D., & McCauley, H. (2017). Prevalence of Past-Year Sexual Assault Victimization Among Undergraduate Students: Exploring Differences by and Intersections of Gender Identity, Sexual Identity, and Race/Ethnicity. *Prevention Science*, 18(6), 726–736. <https://doi.org/10.1007/s11121-017-0762-8>
- Duncan, D. (1990). Prevalence of sexual assault victimization among heterosexual and gay/lesbian university students. *Psychological Reports*, 66, 65–66. <https://doi.org/10.2466/pr0.1990.66.1.65>
- Eaton, A., & Matamala, A. (2014). The relationship between heteronormative beliefs and verbal sexual coercion in college students. *Archives of Sexual Behavior*, 43(7), 1443–1457. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0284-4>
- Edwards, K., & Sylaska, K. (2013). The Perpetration of Intimate Partner Violence among LGBTQ College Youth: The Role of Minority Stress. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(11), 1721–1731. <https://doi.org/10.1007/s10964-012-9880-6>
- Edwards, K., Sylaska, K., & Neal, A. (2015). Intimate partner violence among sexual minority populations: A critical review of the literature and agenda for future research. *Psychology of Violence*, 5(2), 112–121. <https://doi.org/10.1037/a0038656>
- Emmerink, P., Eijnden, R., Vanwesenbeeck, I., & Bogt, T. (2016). The Relationship Between Endorsement of the Sexual Double Standard and Sexual Cognitions and Emotions. *Sex Roles*, 75(7–8), 363–376. <https://doi.org/10.1007/s11199-016-0616-z>
- Farris, C., Treat, T. A., Viken, R. J., & McFall, R. M. (2008). Sexual coercion and the misperception of sexual intent. *Clinical Psychology Review*, 28(1), 48–66. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2007.03.002>
- Fontanesi, L., D’Urso, G., Panzeri, M., & Pace, U. (2020). The Role of Attachment Style in Predicting Emotional Abuse and Sexual Coercion in Gay and Lesbian People: An Explorative Study. *Sexuality and Culture*, 24(3), 504–515. <https://doi.org/10.1007/s12119-019-09643-1>
- Franz, M., DiLillo, D., & Gervais, S. (2016). Sexual Objectification and Sexual Assault: Do Self-Objectification and Sexual Assertiveness Account for the Link? *Psychology of Violence*, 6(2), 262–270. <https://doi.org/10.1037/vio0000015>
- Gabbay, N., & Lafontaine, M. (2017). Do Trust and Sexual Intimacy Mediate Attachment’s Pathway Toward Sexual Violence Occurring in Same Sex Romantic Relationships? *Journal of Interpersonal Violence*, 35(21–22), 5064–5084. <https://doi.org/10.1177/0886260517716940>
- Garrido-Macias, M., Valor-Segura, I., & Expósito, F. (2017). ¿Dejaría a mi pareja? Influencia de la gravedad de la transgresión, la satisfacción y el compromiso en la toma de decisión. *Psychosocial Intervention*, 26(2), 111–116. <https://doi.org/10.1016/j.psi.2016.12.001>
- Gelles, R. J. (1999). Male offenders: our understanding from the date. In M. Harway & J. M. O’Neil (Eds.), *What causes men’s violence against women?* (pp. 36–48). Sage Publications.
- Gerstenberger, C., Stansfield, R., & Williams, K. R. (2019). Intimate Partner Violence in Same-Sex Relationships: An Analysis of Risk and Rearrest. *Criminal Justice and Behavior*, 46(11), 1515–1527. <https://doi.org/10.1177/0093854819871984>
- Goetz, A., & Shackelford, T. (2004). Men’s Sexual Coercion in Intimate relationships: Development and Initial Validation of the Sexual Coercion in Intimate Relationships Scale. *Handbook of Sexuality-Related Measures*, 19(5), 125–127. <https://doi.org/10.1891/vivi.19.5.541.63681>

- Golding, J. (1999). Intimate Partner Violence as a Risk Factor for Mental Disorders: A Meta-Analysis. *Journal of Family Violence*, 14(2), 99–131. <https://doi.org/10.1016/j.ab.2015.01.004>
- Greene, D., & Navarro, R. (1998). Situation-specific assertiveness in the epidemiology of sexual victimization among university women: A prospective path analysis. *Psychology of Women Quarterly*, 22(4), 589–604. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1998.tb00179.x>
- Greene, K., & Faulkner, S. (2005). Gender, belief in the sexual double standard, and sexual talk in heterosexual dating relationships. *Sex Roles*, 53(3–4), 239–251. <https://doi.org/10.1007/s11199-005-5682-6>
- Gutiérrez-Quintanilla, J., Sierra, J., Santos, P., Gómez, P., & Maeso, M. (2008). Un estudio psicométrico del Hurlbert index of sexual assertiveness en mujeres Hispanas. *Terapia Psicológica*, 26(1), 117–123. <https://doi.org/10.4067/s0718-48082008000100010>
- Haavio-Mannila, E., & Kontula, O. (1997). Correlates of increased sexual satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*, 26(4), 399–419. <https://doi.org/10.1023/A:1024591318836>
- Hines, D. (2007). Predictors of sexual coercion against women and men: A multilevel, multinational study of university students. *Archives of Sexual Behavior*, 36(3), 403–422. <https://doi.org/10.1007/s10508-006-9141-4>
- Hines, D., Brown, J., & Dunning, E. (2007). Characteristics of callers to the domestic abuse helpline for men. *Journal of Family Violence*, 22(2), 63–72. <https://doi.org/10.1007/s10896-006-9052-0>
- Hines, D., & Saudino, K. (2003). Gender differences in psychological, physical, and sexual aggression among college students using the revised conflict tactics scales. *Violence and Victims*, 18(2), 197–217. <https://doi.org/10.1891/vivi.2003.18.2.197>
- Ho, L., Ehman, A., & Gross, A. (2019). Gender Roles, Sexual Assertiveness, and Sexual Victimization in LGBTQ Individuals. *Sexuality and Culture*, 25(4), 1469–1489. <https://doi.org/10.1007/s12119-021-09819-8>
- Hurlbert, D. (1991). The role of assertiveness in female sexuality: A comparative study between sexually assertive and sexually nonassertive women. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 17(3), 183–190. <https://doi.org/10.1080/00926239108404342>
- Jones, C., & Raghavan, C. (2012). Sexual orientation, social support networks, and dating violence in an ethnically diverse group of college students. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, 24(1), 1–22. <https://doi.org/10.1080/10538720.2011.611107>
- Kammer-Kerwick, M., Wang, A., Hofer, S., McClain, T., Swartout, K., Backes, B., Busch-Armendariz, N. (2019). Sexual Violence Among Gender and Sexual Minority College Students: The Risk and Extent of Victimization and Related Health and Educational Outcomes. *Journal of Interpersonal Violence*, 00(0), 1–19. <https://doi.org/10.1177/0886260519883866>
- Katz, J. (2008). Sexual Coercion by Male Dating Partners. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(6), 798–814. <https://doi.org/10.1177/0886260507313949>
- Kelley, E., Orchowski, L., & Gidycz, C. (2016). Sexual Victimization among College Women: Role of Sexual Assertiveness and Resistance Variables. *Psychology of Violence*, 6(2), 243–252. <https://doi.org/10.1037/a0039407>
- Kenrick, D., Keefe, R., Bryan, A., Barr, A., & Brown, S. (1995). Age Preferences and Mate Choice Among Homosexuals and Heterosexuals: A Case for Modular Psychological Mechanisms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(6), 1166–1172. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.69.6.1166>
- Klein, F., Sepekoff, B., & Wolf, T. (1985). Sexual Orientation: A Multi-Variable Dynamic Process. *Journal of Homosexuality*, 11(1–2), 35–49. [https://doi.org/10.1300/J082v11n01\\_04](https://doi.org/10.1300/J082v11n01_04)

- Koss, M., Gidycz, C., & Wisniewski, N. (1987). The Scope of Rape: Incidence and Prevalence of Sexual Aggression and Victimization in a National Sample of Higher Education Students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 55(2), 162–170. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.55.2.162>
- Krahé, B., Berger, A., Vanwesenbeeck, I., Bianchi, G., Chliaoutakis, J., Fernández-Fuertes, A., Fuertes, A., de Matos, M., Hadjigeorgiou, E., Haller, B., Hellemans, S., Izdebski, Z., Kouta, C., Meijnckens, D., Murauskiene, L., Papadakaki, M., Ramiro, L., Reis, M., Symons, K., ... Zygadło, A. (2015). Prevalence and correlates of young people's sexual aggression perpetration and victimisation in 10 European countries: a multi-level analysis. *Culture, Health and Sexuality*, 17(6), 682–699. <https://doi.org/10.1080/13691058.2014.989265>
- Lammers, J. & Stoker, J. (2019). Power Affects Sexual Assertiveness and Sexual Esteem Equally in Women and Men. *Archives of Sexual Behavior*, 48, 645-652. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1285-5>
- Lin, Y., & Israel, T. (2012). Development and Validation of a Psychological sense of LGBT community scale. *Journal of Community Psychology*, 40(5), 573–587. <https://doi.org/10.1002/jcop>
- Livingston, J., & Vanzile-tamsen, C. (2007). La relación recíproca entre la victimización sexual y la asertividad sexual. *Violence Against Women*, 13(3), 298–313.
- Loshek, E., & Terrell, H. (2015). The Development of the Sexual Assertiveness Questionnaire (SAQ): A Comprehensive Measure of Sexual Assertiveness for Women. *Journal of Sex Research*, 52(9), 1017–1027. <https://doi.org/10.1080/00224499.2014.944970>
- Lottes, I. (2000). New researches on sexual health. In O. Kontula & I. Lottes (Eds.), *New views on sexual health: the case of Finland* (pp. 7–28). Population.
- Lottes, I., & Weinberg, M. (1996). Sexual coercion among university students: A comparison of the United States and Sweden. *The Journal of Sex Research*, 34, 67-76. <https://doi.org/10.1080/00224499709551867>
- Lyons, M., Houghton, E., Brewer, G., & O'Brien, F. (2020). The Dark Triad and Sexual Assertiveness Predict Sexual Coercion Differently in Men and Women. *Journal of Interpersonal Violence*, 1–16. <https://doi.org/10.1177/0886260520922346>
- Mathes, E., & McCoy, J. (2011). Perpetration of sexual coercion and victim of sexual coercion scales: development and validation. *Psychology Reports*, 108(2), 449–469. <https://doi.org/10.2466/08.09.16.PR0.108.2.449-469>
- McKenry, P., Serovich, J., Mason, T., & Mosack, K. (2006). Perpetration of gay and lesbian partner violence: A disempowerment perspective. *Journal of Family Violence*, 21(4), 233–243. <https://doi.org/10.1007/s10896-006-9020-8>
- Menezes, A., Brito, R., & Henriques, A. (2010). Relation between gender and sexual orientation from the evolutionary approach. *Psicol. Teor. Pesqui*, 26(2), 245–252. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200006>
- Morokoff, P., Quina, K., Harlow, L., Whitmire, L., Grimley, D., Gibson, P., & Burkholder, G. (1997). Sexual Assertiveness Scale (SAS) for women: Development and validation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(4), 790–804. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.73.4.790>
- Morokoff, P., Redding, C., Harlow, L., Cho, S., Rossi, J., Meier, K., Mayer, K., Koblin, B., & Brown-Peterside, P. (2009). Associations of sexual victimization, depression, and sexual assertiveness with unprotected sex: A test of the multifaceted model of HIV risk across gender. *Journal of Applied Biobehavioral Research*, 14(1), 30–54. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9861.2009.00039.x>
- Muñoz, L., Khan, R., & Cordwell, L. (2011). Sexually coercive tactics used by university students: A clear role for primary psychopathy. *Journal of Personality Disorders*, 25(1),

- 28–40. <https://doi.org/10.1521/pedi.2011.25.1.28>
- Muzzey, A. (2017). *Relationship Length and Repeated Experiences of Sexual Coercion within adolescent women's romantic relationships* [Master's thesis Indiana University]. Sociology Department thesis and dissertations of Indiana University. <https://scholarworks.iupui.edu/handle/1805/13530>
- Noar, S., Morokoff, P., & Harlow, L. (2002). Condom negotiation in heterosexually active men and women: Development and validation of a condom influence strategy questionnaire. *Psychology and Health, 17*(6), 711–735. <https://doi.org/10.1080/0887044021000030580>
- Nunan, A. (2004). Violência Doméstica entre casais homossexuais: o segundo armário? *Psico, 23*(1), 69–78.
- O'Sullivan, L. (2005). Sexual coercion in dating relationships: Conceptual and methodological issues. *Sexual and Relationship Therapy, 20*(1), 3–11. <https://doi.org/10.1080/14681990500037246>
- O'Sullivan, L., Byers, E., & Finkelman, L. (1998). A comparison of male and female college students' experiences of sexual coercion. *Psychology of Women Quarterly, 22*(2), 177–195. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1998.tb00149.x>
- O'Sullivan, L., & Byers, S. (1992). College students' incorporation of initiator and restrictor roles in sexual dating interactions. *The Journal of Sex Research, 29*(3), 435–446. <https://doi.org/10.1080/00224499209551658>
- Offman, A., & Matheson, K. (2004). The sexual self-perceptions of young women experiencing abuse in dating relationships. *Sex Roles, 51*(9–10), 551–560. <https://doi.org/10.1007/s11199-004-5465-5>
- Ogletree, R. (1993). Sexual coercion experience and help-seeking behavior of college women. *Journal of the American College Health Association, 41*(4), 149–153. <https://doi.org/10.1080/07448481.1993.9936316>
- Orchowski, L., Yusuf, M., Oesterle, D., Bogen, K., & Zlotnick, C. (2017). Intimate Partner Violence and Coerced Unprotected Sex Among Young Women Attending Community College. *Archives of Sexual Behavior, 49*(3), 871–882. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01537-5>
- Organização Mundial de Saúde. (2005). *Multi-country study on women's health and domestic violence against women: summary report of initial results on prevalence, health outcomes and women's responses*. <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/24159358X/en/>
- Organização Mundial de Saúde. (2014). *Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência*. <http://nevsp.org/relatorio-mundial-sobre-a-prevencao-%0D%0A-da-violencia-2014/%0D%0A>
- Painter, C. (1993). *Sexual health, assertiveness and HIV*. Daniels Pu.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no Relacionamento Íntimo: Estudo de prevalência em jovens portugueses. *Psicologica, 35*, 75–107.
- Peterson, Z., Janssen, E., & Heiman, J. (2010). The association between sexual aggression and HIV risk behavior in heterosexual men. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(3), 538–556. <https://doi.org/10.1177/0886260509334414>
- Peterson, Z., Voller, E., Polusny, M., & Murdoch, M. (2011). Prevalence and consequences of adult sexual assault of men: Review of empirical findings and state of the literature. *Clinical Psychology Review, 31*(1), 1–24. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2010.08.006>
- Petretic-Jackson, P., & Tobin, S. (1996). The rape trauma syndrome: Symptoms, stages, and hidden victims. In T. L. Jackson (Ed.), *Acquaintance rape: Assessment, treatment, and prevention* (pp. 93 – 143). Professional Resource Press/Professional Resource Exchange.
- Pierce, A., & Hurlbert, M. (1999). Test-retest reliability of the Hurlbert Index of Sexual Assertiveness. *Perceptual and Motor Skills, 88*(1), 31–34.

- <https://doi.org/10.2466/pms.1999.88.1.31>
- Quina, K., Harlow, L., Morokoff, P., Burkholder, G., & Deiter, P. (2000). Sexual communication in relationships: When words speak louder than actions. *Sex Roles, 42*(7–8), 523–549. <https://doi.org/10.1023/A:1007043205155>
- Ramos, P. (2019). *No Que Acreditamos E O Que Fazemos : a Violência Sexual Nas Relações Amorosas Em Jovens Universitários* [Master's thesis, Universidade de Évora]. Repositório Universidade de Évora. <http://rdpc.uevora.pt/handle/10174/25398>
- Randle, A., & Graham, C. (2011). A Review of the Evidence on the Effects of Intimate Partner Violence on Men. *Psychology of Men and Masculinity, 12*(2), 97–111. <https://doi.org/10.1037/a0021944>
- Ray, C., Tyler, K., & Gordon Simons, L. (2018). Risk Factors for Forced, Incapacitated, and Coercive Sexual Victimization Among Sexual Minority and Heterosexual Male and Female College Students. *Journal of Interpersonal Violence, 36*(5–6), 2241–2261. <https://doi.org/10.1177/0886260518758332>
- Redding, C., Noar, S., Morokoff, P. (2002). Sexual Assertiveness in Heterosexually Active Men: A Test of Three Samples. *AIDS Education and Prevention, 14*(4), 330–342. <https://doi.org/10.1521/aeap.14.5.330.23872>
- Renzetti, C. (1992). *Violent betrayal: Partner abuse in lesbian relationships*. Sage Publications.
- Renzetti, C. (1996). The poverty of services for battered lesbians. *Journal of Gay & Lesbian Social Services, 4*(1), 61–68. [https://doi.org/https://doi.org/10.1300/J041v04n01\\_07](https://doi.org/https://doi.org/10.1300/J041v04n01_07)
- Rickert, V., Neal, W., Wiemann, C., & Berenson, A. (2000). Prevalence and predictors of low sexual assertiveness. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology, 13*, 88–89. [https://doi.org/10.1016/s1083-3188\(00\)00016-4](https://doi.org/10.1016/s1083-3188(00)00016-4)
- Rickert, V., Sanghvi, R., & Wiemann, C. (2002). Is Lack of Sexual Assertiveness among Adolescent and Young Adult Women a Cause for Concern? *Perspectives on Sexual and Reproductive Health, 34*(4), 178. <https://doi.org/10.2307/3097727>
- Ridge, S., & Feeney, J. (1998). Relationship history and relationship attitudes in gay males and lesbians: Attachment style and gender differences. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry, 32*(6), 848–859. <https://doi.org/10.3109/00048679809073875>
- Russell, B., & Oswald, D. (2001). Strategies and dispositional correlates of sexual coercion perpetrated by women: An exploratory investigation. *Sex Roles, 45*(1–2), 103–115. <https://doi.org/10.1023/A:1013016502745>
- Sáez, G., Alonso-Ferres, M., Garrido-Macías, M., Valor-Segura, I., & Expósito, F. (2019). The Detrimental Effect of Sexual Objectification on Targets' and Perpetrators' Sexual Satisfaction: The Mediating Role of Sexual Coercion. *Frontiers in Psychology, 10*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02748>
- Santos-Iglesias, P., & Sierra, J. (2010a). El papel de la asertividad sexual en la sexualidad humana Una revisión sistemática. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 10*(3), 553–577. <https://www.redalyc.org/html/337/33714079010/%0A>
- Santos-Iglesias, P., & Sierra, J. (2010b). Hurlbert Index of Sexual Assertiveness: A study of psychometric properties in a Spanish sample. *Psychological Reports, 107*(1), 39–57. <https://doi.org/10.2466/02.03.07.17.21.PR0.107.4.39-57>
- Santos-Iglesias, P., & Sierra, J. (2012). Sexual Victimization among Spanish College Women and Risk Factors for Sexual Revictimization. *Journal of Interpersonal Violence, 27*(17), 3468–3485. <https://doi.org/10.1177/0886260512445383>
- Santos-Iglesias, P., Sierra, J., & Vallejo-Medina, P. (2012a). Predictors of sexual assertiveness: The role of sexual desire, arousal, attitudes, and partner abuse. *Archives of Sexual Behavior, 42*(6), 1043–1052. <https://doi.org/10.1007/s10508-012-9998-3>
- Santos-Iglesias, P., Sierra, J., & Vallejo-Medina, P. (2012b). Evaluación de la equivalencia factorial y métrica de la sexual assertiveness scale (SAS) por sexo. *Psicothema, 24*(2),

316–322.

- Santos-Iglesias, P., Sierra, J., & Vallejo-Medina, P. (2013). Psychometric properties of the index of spouse abuse in a Spanish male sample. *Terapia Psicológica, 31*(2), 209–217. <https://doi.org/10.4067/s0718-48082013000200007>
- Schatzel-Murphy, E., Harris, D., Knight, R., & Milburn, M. (2009). Sexual coercion in men and women: Similar behaviors, different predictors. *Archives of Sexual Behavior, 38*(6), 974–986. <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9481-y>
- Schooler, D., Ward, L., Merriwether, A., & Caruthers, A. (2005). Cycles of shame: Menstrual shame, body shame, and sexual decision-making. *Journal of Sex Research, 42*(4), 324–334. <https://doi.org/10.1080/00224490509552288>
- Senn, C., Desmarais, S., Verberg, N., & Wood, E. (2000). Predicting coercive sexual behavior across the lifespan in random sample of Canadian men. *Journal of Social and Personal Relationships, 17*(1), 93–113. <https://doi.org/10.1177/0265407500171005>
- Sharpsteen, D., & Kirkpatrick, L. (1997). Romantic Jealousy and Adult Romantic Attachment. *Personality Processes and Individual Differences, 72*(3), 627–640. <https://doi.org/https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.3.627>
- Sierra, A., Gottfried-Blackmore, A., Milner, T., McEwen, B., & Bulloch, K. (2008). Steroid hormone receptor expression and function in microglia. *Glia, 56*(6), 659–674. <https://doi.org/10.1002/glia.20644>
- Sierra, J., Ortega, V., Santos Iglesias, P., & Gutiérrez Quintanilla, J. (2007). Estructura factorial, consistencia interna e indicadores de validez de la versión española del “Index of Spouse Abuse.” *Boletín de Psicología, 91*, 83–96.
- Silverthorne, Z., & Quinsey, V. (2000). Sexual Partner Age Preferences of Homosexual and Heterosexual Men and Women. *Annals of Operations Research, 29*(1), 67–75. <https://doi.org/10.1023/A>
- Simon, W., & Gagnon, J. (2003). Sexual Scripts: Origins, Influences and Changes: Sex and Sociology: Sociological Studies of Sexuality. *Qualitative Sociology, 26*(4), 491–497. <https://doi.org/10.1023/B:QUAS.0000005053.99846.e5>
- Smeha, L., & Oliveira, M. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicologia: Teoria e Prática, 15*(2), 33–45.
- Smith, S., Chen, J., Basile, K., Gilbert, L., Merrick, M., Patel, N., Walling, M., & Jain, A. (2017). *The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS): 2010–2012 state report*. <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/nisvs-statereportbook.pdf>
- Snell, W., Fisher, T., & Miller, R. (1991). Development of the Sexual Awareness Questionnaire: Components, Reliability, and Validity. *Annals of Sex Research, 4*, 65–92. <https://doi.org/10.1007/BF00850140>
- Somlai, A., Kelly, J., McAuliffe, T., Gudmundson, J., Murphy, D., Sikkema, K., & Hackl, K. (1998). Role play assessments of sexual assertiveness skills: Relationships with HIV/AIDS sexual risk behavior practices. *AIDS and Behavior, 2*(4), 319–328. <https://doi.org/10.1023/A:1022622108917>
- Stappenbeck, C., & Fromme, K. (2010). Alcohol Use and Perceived Social and Emotional Consequences Among Perpetrators of General and Sexual Aggression. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(4), 699–715. <https://doi.org/10.1177/0886260509334399>
- Stermac, L., Bance, S., Cripps, J., & Horowitz, S. (2018). Sexual Coercion and Women’s Education: A Pilot Study. *Violence and Gender, 5*(2), 110–118. <https://doi.org/10.1089/vio.2017.0001>
- Stoddard, J., Dibble, S., & Fineman, N. (2009). Sexual and physical abuse: A comparison between lesbians and their heterosexual sisters. *Journal of Homosexuality, 56*(4), 407–420. <https://doi.org/10.1080/00918360902821395>
- Stoner, S., Norris, J., George, W., Morrison, D., Zawacki, T., Davis, K., & Hessler, D. (2008).

- Women's condom use assertiveness and sexual risk-taking: Effects of alcohol intoxication and adult victimization. *Addictive Behaviors*, 33(9), 1167–1176. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2008.04.017>
- Straus, M., Hamby, S., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2) development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283–316. <https://doi.org/10.1177/019251396017003001>
- Struckman-Johnson, C., Struckman-Johnson, D., & Anderson, P. (2003). Tactics of sexual coercion: When men and women won't take no for an answer. *Journal of Sex Research*, 40(1), 76–86. <https://doi.org/10.1080/00224490309552168>
- Štulhofer, A., Graham, C., Božičević, I., Kufrin, K., & Ajduković, D. (2007). An assessment of HIV/STI vulnerability and related sexual risk-taking in a nationally representative sample of young croatian adults. *Archives of Sexual Behavior*, 38(2), 209–225. <https://doi.org/10.1007/s10508-007-9234-8>
- Testa, M., & Dermen, K. (1999). The differential correlates of sexual coercion and rape. *Journal of Interpersonal Violence*, 14(5), 548–561. <https://doi.org/10.1177/088626099014005006>
- Testa, M., VanZile-Tamsen, C., & Livingston, J. (2007). Prospective prediction of women's sexual victimization by intimate and nonintimate male perpetrators. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 75(1), 52–60. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.75.1.52>
- VanderLaan, D. (2007). *Elucidating the origins of heterosexual sex differences in mating psychology by examining the behaviour of homosexual men and women* [Master's thesis University of Lethbridge] University Archives. <https://opus.uleth.ca/handle/10133/1>
- Vanderlaan, D., & Vasey, P. (2009). Patterns of sexual coercion in heterosexual and non-heterosexual men and women. *Archives of Sexual Behavior*, 38(6), 987–999. <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9480-z>
- VanderLaan, D., & Vasey, P. (2008). Mate retention behavior of men and women in heterosexual and homosexual relationships. *Archives of Sexual Behavior*, 37(4), 572–585. <https://doi.org/10.1007/s10508-006-9139-y>
- Waldner-Haugrud, L. (1999). Sexual Coercion in Lesbian and Gay Relationship: A Review and Critique. *Aggression and Violent Behavior*, 4(2), 139–149. [https://doi.org/10.1016/S1359-1789\(97\)00054-2](https://doi.org/10.1016/S1359-1789(97)00054-2)
- Waldner-Haugrud, L., Gratch, L. (1997). Sexual coercion in gay/lesbian relationships: descriptives and gender differences. *Violence Vict*, 12(1), 87-98.
- Waldner-Haugrud, L., & Magruder, B. (1995). Male and female sexual victimization in dating relationships: Gender differences in coercion techniques and outcomes. *Violence and Victims*, 10(2–203). <https://doi.org/10.1891/0886-6708.10.3.203>
- Walker, D. (2006). Impaired sexual assertiveness and consensual sexual activity as risk factors for sexual coercion in heterosexual college women [Master's thesis Miami University]. [https://etd.ohiolink.edu/apexprod/rws\\_etd/send\\_file/send?accession=miami1155324575&disposition=inline](https://etd.ohiolink.edu/apexprod/rws_etd/send_file/send?accession=miami1155324575&disposition=inline)
- White, J., & Smith, P. (2004). Sexual Assault Perpetration and Reperpetration: From Adolescence to Young Adulthood. *Criminal Justice and Behavior*, 31(2), 182–202. <https://doi.org/10.1177/0093854803261342>
- Wiehe, V., & Richards, A. (1995). *Intimate betrayal: Understanding and responding to the trauma of acquaintance rape*. Sage Publications.
- Willis, M., & Nelson-Gray, R. O. (2020). Setting a bad precedent: Sexual compliance in undergraduate women's sexually coercive relationships. *Journal of American College Health*, 0(0), 1–4. <https://doi.org/10.1080/07448481.2020.1732988>
- Yagil, D., Karnieli-Miller, O., Eisikovits, Z., & Enosh, G. (2006). Is that a “no”? The interpretation of responses to unwanted sexual attention. *Sex Roles*, 54(3–4), 251–260.

- <https://doi.org/10.1007/s11199-006-9342-2>
- Yamamiya, Y., Cash, T., & Thompson, J. (2006). Sexual experiences among college women: The differential effects of general versus contextual body images on sexuality. *Sex Roles, 55*(5–6), 421–427. <https://doi.org/10.1007/s11199-006-9096-x>
- Yarkovsky, N. (2016). *Experiences of Dating Violence in Emerging Adult Couples: The Role of Attachment Style and Emotion Regulation* [Doctor thesis University of Windsor]. Electronic thesis and dissertations. <https://scholar.uwindsor.ca/etd/5876/>
- Yesmont, G. (1992). The relationship of assertiveness to college students' safer sex behaviors. *Adolescence, 27*, 253–273.
- Zamboni, B., Crawford, I., & Williams, P. (2000). Examining communication and assertiveness as predictors of condom use: Implications for HIV prevention. *AIDS Education and Prevention, 12*, 492–504.
- Zweig, J., Barber, B., & Eccles, J. (1997). Sexual coercion and well-being in young adulthood: Comparisons by gender and college status. *Journal of Interpersonal Violence, 12*(2), 291–308. <https://doi.org/10.1177/088626097012002009>
- Zweig, J., Crockett, L., Sayer, A., & Vicary, J. (1999). A longitudinal examination of the consequences of sexual victimization for rural young adult women. *Journal of Sex Research, 36*(4), 396–409. <https://doi.org/10.1080/00224499909552012>

## **9. Anexos**

**Anexo A- Dados Sociodemográficos: situação profissional, habilitações literárias e estado civil**

## Dados Sociodemográficos: situação profissional, habilitações literárias e estado civil

Tabela. Categorias da Situação Profissional

Situação Profissional	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Desempregado	14	8.14%
Empregado	89	51.74%
Estudante	49	28.49%
Trabalhador/Estudante	20	11.63%
<b>Total</b>	<b>172</b>	<b>100%</b>

Tabela. Categorias das Habilitações Literárias

Habilitações Literárias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Doutoramento	5	2.91%
Mestrado	26	15.12%
Licenciatura	77	44.77%
Secundário	59	34.30%
Ensino Básico	4	2.33%
Ensino Primário	1	0.58%
<b>Total</b>	<b>172</b>	<b>100%</b>

Tabela. Categorias do Estado Civil

Estado Civil	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Casado(a)/ União de Facto	28	16.28%
Divorciado(a)/ Separado(a)	10	5.81%
Solteiro(a)	132	76.74%
Viúvo(a)	2	1.63%
<b>Total</b>	<b>172</b>	<b>100%</b>

## **Anexo B- Consentimento Informado**

## Consentimento Informado

O presente questionário irá contribuir para a realização de uma dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, realizada sob a orientação da Prof. Doutora Alexandra Gomes.

Tem como objetivo associar a assertividade sexual e a coerção sexual.

Poderão participar nesta investigação indivíduos maiores de 18 anos, que estejam ou já tenham estado num relacionamento de pelo menos 6 meses.

A participação é voluntária, sem contrapartidas e não deverá promover qualquer mal-estar físico, mental ou emocional. Em qualquer momento e por qualquer motivo pode desistir da colaboração na investigação. Todos os dados estão protegidos à luz do RGPD em vigor, garantindo-se o anonimato dos participantes, confidencialidade e visando apenas um tratamento estatístico global.

A duração do questionário é de 15 minutos.

Declara desejar participar nesta investigação e é do seu conhecimento que a qualquer momento poderá abandonar o preenchimento deste questionário, sem qualquer prejuízo.

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Agradeço desde já a sua participação!

Ana Rita Palma

## **Anexo C- Questionário Sociodemográfico**

## Questionário Sociodemográfico

Estado Civil (assinale com uma cruz numa opção):

<input type="checkbox"/>	Solteiro(a)
<input type="checkbox"/>	Casado(a) ou União de Facto
<input type="checkbox"/>	Separado(a) ou Divorciado(a)
<input type="checkbox"/>	Viúvo(a)

Habilitações literárias (assinale com uma cruz numa opção):

<input type="checkbox"/>	Ensino Primário
<input type="checkbox"/>	Ensino Básico
<input type="checkbox"/>	Ensino Secundário
<input type="checkbox"/>	Licenciatura
<input type="checkbox"/>	Mestrado
<input type="checkbox"/>	Doutoramento

Situação profissional atual (assinale com uma cruz numa opção):

<input type="checkbox"/>	Empregado(a)
<input type="checkbox"/>	Desempregado(a)
<input type="checkbox"/>	Trabalhador/Estudante
<input type="checkbox"/>	Estudante

Identidade de Género (assinale com uma cruz numa opção):

<input type="checkbox"/>	Masculino
<input type="checkbox"/>	Feminino
<input type="checkbox"/>	Transgénero
<input type="checkbox"/>	Transexual
<input type="checkbox"/>	Intersexual
<input type="checkbox"/>	Outro
<input type="checkbox"/>	Não quero responder

Idade

\_\_\_\_\_

## **Anexo D- Questionário da História Sexual**

## Questionário da História Sexual

Atualmente encontra-se numa relação íntima exclusiva?

  

Sim

Não

Se respondeu “Sim”. Há quanto tempo dura esse relacionamento?

\_\_\_\_\_

Número de parceiros sexuais até hoje

\_\_\_\_\_

**Anexo E- Grelha de Orientação Sexual de Klein**

### Grelha de Orientação Sexual de Klein

Use as escalas a seguir para responder às categorias na tabela conforme indicado. Recordamos que não existem respostas certas ou erradas. É importante que responda de forma sincera e de acordo com as suas preferências e/ou predisposições.

1	2	3	4	5	6	7
O outro sexo apenas	O outro sexo principalmente	O outro sexo um pouco mais	Os dois sexos de forma igual	O mesmo sexo um pouco mais	O mesmo sexo principalmente	O mesmo sexo apenas

#### Passado

Para cada uma das questões deverá responder tendo como referência o passado, desde da infância, até aos dias de hoje.

	1	2	3	4	5	6	7
Atração por outros (sexual, físico)							
Comportamento sexual (beijos, toques, interações sexuais)							
Fantasias sexuais (sonhos, durante a masturbação, imaginação)							
Preferências emocionais (paixão, amor, romance)							
Preferência social (amizade, confidentes,							

peças com quem saiu)							
Autoidentificação (como eu me vejo)							
Estilo de vida (como vive a sua vida como pessoa sexual)							

### Atualidade

Para cada uma das questões deverá responder tendo como referência o momento atual; como vive hoje.

	1	2	3	4	5	6	7
Atração por outros (sexual, físico)							
Comportamento sexual (beijos, toques, interações sexuais)							
Fantasia sexuais (sonhos, durante a masturbação, imaginação)							
Preferências emocionais (paixão, amor, romance)							
Preferência social (amizade, confidentes, peças com quem saiu)							
Autoidentificação (como eu me vejo)							

Estilo de vida (como vive a sua vida como pessoa sexual)							
----------------------------------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

Idealmente

Para cada uma das questões deverá responder tendo como o seu ideal, isto é, se pudesse escolher livremente.

	1	2	3	4	5	6	7
Atração por outros (sexual, físico)							
Comportamento sexual (beijos, toques, interações sexuais)							
Fantasias sexuais (sonhos, durante a masturbação, imaginação)							
Preferências emocionais (paixão, amor, romance)							
Preferência social (amizade, confidentes, pessoas com quem saiu)							
Autoidentificação (como eu me vejo)							
Estilo de vida (como vive a sua vida como pessoa sexual)							

## **Anexo F- Escalas de Tácticas de Conflicto Revisadas**

## Escala de Táticas de Conflito Revisadas

### Parte 1

Independentemente de quão bem um casal se possa dar, há momentos em que discorda, em que ficam aborrecidos com o outro, que querem coisas diferentes, ou simplesmente há momentos de tensão ou discussão porque estão de mau humor, cansados, ou por qualquer outro motivo.

Os casais utilizam estratégias muito diferentes para resolver as suas diferenças.

Esta é uma listagem de coisas que podem acontecer quando essas diferenças existem.

Por favor, assinale quantas vezes fez cada uma delas ao ser parceiro no ÚLTIMO ANO. Se não aconteceu no ano passado, mas já aconteceu antes, por favor assinale 7.

1	2	3	4	5	6	7	8
1 vez	2 vezes	3-5 vezes	6-10 vezes	11-20 vezes	Mais de 20 vezes	Aconteceu antes do último ano	Nunca aconteceu

Considere esta escala de medida para o ÚLTIMO ANO

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Mostrei ao meu companheiro/a que me preocupava com ele/a, mesmo que discordássemos								
2. Em uma discussão, expliquei ao meu companheiro/a o meu ponto de vista								
3. Insultei ou roguei pragas ao meu companheiro/a								
4. Atirei no meu companheiro/a alguma coisa que o/a poderia magoar								
5. Torci o braço ou puxei o cabelo do meu companheiro/a								
6. Tive uma entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com o meu companheiro								

7. Mostrei respeito pelos sentimentos do meu companheiro/a acerca de um assunto								
8. Fiz o meu companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo								
9. Empurrei ou apertei o meu companheiro/a								
10. Usei a força (e.g., batendo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo								
11. Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro/a								
12. Desmaiei porque o/a meu companheiro/a me atingiu na cabeça durante uma luta								
13. Chamei de gordo/a ou feio/a ao meu companheiro/a								
14. Esmurrei ou bati no meu companheiro/a com algo que o poderia magoar								
15. Destruí algo que pertencia ao meu companheiro/a								
16. Fui ao médico por causa de uma luta com o meu companheiro/a								
17. Tentei estrangular o meu companheiro/a								
18. Gritei ou berrei ao meu companheiro/a								
19. Atirei o meu companheiro/a contra a parede								
20. Disse que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema								
21. Precisava ter ido ao médico, por causa de uma luta com o meu companheiro/a, mas não o fiz								
22. Dei uma tarefa no meu companheiro/a								
23. Agarrei à força o meu companheiro/a								
24. Usei a força (e.g. ferindo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo								
25. Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento								

26. Insisti em ter relações sexuais quando o meu companheiro/a não queria (mas não usei força física)								
27. Dei uma bofetada no meu companheiro/a								
28. Tive uma fratura devido a uma luta com o meu companheiro/a								
29. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo								
30. Sugeri um acordo para resolver um desentendimento								
31. Queimei ou escaldei o meu companheiro/a de propósito								
32. Insisti com o meu companheiro/a para que tivéssemos sexo oral ou anal (mas não usei força física)								
33. Acusei o meu companheiro/a de ser um mau amante								
34. Fiz algo para enfiar o meu companheiro/a								
35. Ameacei ferir ou atirar alguma coisa no meu companheiro/a								
36. Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro/a								
37. Dei pontapés no meu companheiro/a								
38. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo								
39. Concordei em tentar uma solução sugerida pelo meu companheiro/a para um desentendimento								

Parte 2

Por favor, assinale agora quantas vezes o parceiro lhe fez uma destas coisas da listagem no ÚLTIMO ANO. Se não aconteceu no ano passado, mas já aconteceu antes, por favor assinale 7.

1	2	3	4	5	6	7	8
1 vez	2 vezes	3-5 vezes	6-10 vezes	11-20 vezes	Mais de 20 vezes	Aconteceu antes do último ano	Nunca aconteceu

Considere esta escala de medida para o ÚLTIMO ANO

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. O meu companheiro/a mostrou que se preocupava comigo, mesmo que discordássemos								
2. Em uma discussão, o meu companheiro/a explicou-me o seu ponto de vista								
3. O meu companheiro/a insultou-me ou rogou-me pragas								
4. O meu companheiro/a atirou-me alguma coisa que me poderia magoar								
5. O meu companheiro/a torceu-me o braço ou puxou-me o cabelo								
6. O meu companheiro/a teve uma entorse, pisadura ou um pequeno corte por causa de uma luta que teve comigo								
7. O meu companheiro/a mostrou respeito pelos meus sentimentos acerca de um assunto								
8. O meu companheiro/a fez-me ter relações sexuais sem preservativo								

9. O meu companheiro/a empurrou-me ou apertou-me								
10. O meu companheiro/a usou a força (e.g. batendo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que eu tivesse relações sexuais com ele/a								
11. O meu companheiro/a usou uma faca ou uma arma contra mim								
12. O meu companheiro/a desmaiou porque lhe atingi na cabeça durante uma luta								
13. O meu companheiro/a chamo-me de gordo/a ou feio/a								
14. O meu companheiro/a esmurrou-me ou bateu-me com algo que me poderia magoar								
15. O meu companheiro/a destruiu algo que me pretendia								
16. O meu companheiro/a foi ao médico, por causa de uma luta que teve comigo								
17. O meu companheiro/a tentou-me estrangular								
18. O meu companheiro/a gritou ou berrou comigo.								
19. O meu companheiro/a atirou-me contra a parede								
20. O meu companheiro/a disse-me que tinha a certeza de que poderíamos resolver um problema								
21. O meu companheiro/a precisava de ir ao médico, por causa de uma luta que teve comigo, mas não o fez								
22. O meu companheiro/a deu-me uma tarefa								
23. O meu companheiro/a agarrou-me à força								

24. O meu companheiro/a usou a força (e.g. ferindo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que eu tivesse relações sexuais com ele/a								
25. O meu companheiro/a saiu abruptamente da sala, de casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento								
26. O meu companheiro/a insistiu em ter relações sexuais comigo quando eu não queria (mas não usou a força física)								
27. O meu companheiro/a deu-me uma bofetada								
28. O meu companheiro/a teve uma fratura devido a uma luta que teve comigo								
29. O meu companheiro/a recorreu a ameaças para que eu tivesse sexo oral ou oral com ele/a								
30. O meu companheiro/a sugeriu-me um acordo para resolver um desentendimento								
31. O meu companheiro/a queimou-me ou escaldou-me de propósito								
32. O meu companheiro/a insistiu para que tivéssemos sexo oral ou anal (mas não usou a força física)								
33. O meu companheiro/a acusou-me de ser mau amante								
34. O meu companheiro/a fez algo para me enfurecer								
35. O meu companheiro/a ameaçou ferir ou atirar alguma coisa								
36. O meu companheiro/a sentiu uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta que teve comigo								

37. O meu companheiro/a deu-me pontapés								
38. O meu companheiro/a recorreu a ameaças para que eu tivesse relações sexuais com ele/a								
39. O meu companheiro/a concordou em tentar uma solução sugerida por mim para um desentendimento								

**Anexo G- Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima**

## Escalas de Coerção Sexual do Perpetrador e da Vítima

### Parte 1

Para cada uma delas, deverá assinalar em que medida as afirmações o caracterizam a si. Deverá utilizar a escala de medida que varia entre 1, que se refere a NÃO, DEFINITIVAMENTE, até 4 que se refere a SIM, DEFINITIVAMENTE. Selecionando a opção que melhor o caracteriza.

1	2	3	4
Não, definitivamente	Não	Sim	Sim, definitivamente

	1	2	3	4
1. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo, fazendo com que a pessoa se sentisse culpada?				
2. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo, discutindo com a pessoa?				
3. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo ao chamar-lhe de púdico/a, de frígido/a, etc?				
4. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo, fazendo com que a pessoa sentisse que lhe o deve (e.g. tem vindo a namorar há já seis meses e por isso o/a seu/sua parceiro/a deve-lhe sexo)?				
5. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo alcoolizando a pessoa (ou aproveitando-se da mesma por estar alcoolizada)?				
6. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo implorando ou fazendo com que a pessoa sentisse pena de si?				
7. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo despindo-se à sua frente?				
8. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo expondo as suas partes íntimas?				

9. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo acariciando os seus órgãos genitais?				
10. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo chantageando a pessoa?				
11. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo ameaçando a pessoa?				
12. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo, oferecendo à pessoa dinheiro ou presentes caros?				
13. Já alguma vez forçou alguém a ter sexo recorrendo à força física?				

## Parte 2

Deverá utilizar a escala de medida que varia entre 1, que se refere a NÃO, DEFINITIVAMENTE, até 4 que se refere a SIM, DEFINITIVAMENTE. Selecionando a opção que melhor o caracteriza.

1	2	3	4
Não, definitivamente	Não	Sim	Sim, definitivamente

1. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo, fazendo com que se sentisse culpada/o?			
2. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo ao discutirem consigo?			
3. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo ao chamarem-lhe de púdico/a, frígido/a, etc?			
4. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo ao fazerem-lhe sentir que lhe o deve (e.g. tem vindo a namorar há já seis meses e por isso deve sexo ao seu/à sua parceiro/a)?			

5. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo ao alcoolizarem-na/o (ou aproveitando-se de si por estar alcoolizada/o)?				
6. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo ao implorando-lhe ou fazendo-lhe sentir pena da pessoa?				
7. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo ao despirem-se à sua frente?				
8. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo ao exporem-lhe as partes íntimas?				
9. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo ao acariciarem os seus órgãos genitais?				
10. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo através da chantagem?				
11. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo através de algum tipo de ameaça?				
12. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo através da oferta de dinheiro ou de presentes caros?				
13. Já alguma vez foi forçado/a por alguém a ter sexo através do uso da força física?				

## **Anexo H- Índice Hurlbert de Assertividade Sexual**

## Índice Hurlbert de Assertividade Sexual

Em seguida, serão apresentadas 25 afirmações sobre diversas formas como podemos sentir-nos em relação ao sexo, a comunicar sobre sexo com os outros ou com o nosso parceiro. Para cada uma delas, deverá assinalar em que medida as afirmações o caracterizam a si.

Deverá utilizar a escala de medida que varia entre 0, que se refere a SEMPRE, até 4 que se refere a NUNCA.

Verifique que neste caso, o valor mais baixo - 0 - é o que menos o representa.

	0	1	2	3	4
1. Não me sinto à vontade para falar durante o sexo					
2. Sinto que sou tímido quando se trata de sexo					
3. Abordo o meu parceiro para sexo quando desejo					
4. Acho que sou aberto com o meu parceiro sobre as minhas necessidades sexuais					
5. Gosto de partilhar as minhas fantasias sexuais com o meu parceiro					
6. Sinto-me desconfortável a falar de sexo com os meus amigos					
7. Comunico os meus desejos sexuais ao meu parceiro					
8. É difícil para mim tocar-me durante o sexo					
9. É difícil para mim dizer “não”, mesmo quando não quero sexo					
10. Resisto em descrever-me como uma pessoa sexual					
11. Não me sinto confortável em dizer ao meu parceiro o que é bom					
12. Falo sobre os meus sentimentos sexuais					

13. Resisto em insistir para que o meu parceiro me satisfaça					
14. Vejo-me a fazer sexo quando realmente não quero					
15. Quando uma técnica não me parece boa, eu digo ao meu parceiro					
16. Sinto-me confortável a dar elogios sexuais ao meu parceiro					
17. É fácil, para mim, discutir sexo com o meu parceiro					
18. Sinto-me confortável em iniciar relações sexuais com o meu parceiro					
19. Vejo-me a fazer coisas sexuais de que não gosto					
20. Agradar o meu parceiro é mais importante do que o meu prazer					
21. Sinto-me confortável dizer ao meu parceiro como me tocar					
22. Gosto de me masturbar até o orgasmo					
23. Se algo parece bom, eu insisto em fazer novamente					
24. É difícil para mim ser honesto sobre os meus sentimentos sexuais					
25. Tento evitar discutir sobre sexo					